

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi
NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano II — Número 16

Abril de 1964

Lições do Quadragésimo Ano

Ao decorrer em Abril de 1964 o quadrigésimo aniversário do estabelecimento da obra adventista em Angola, é oportuno que nos detenhemos um pouco para aprendermos dos nossos pioneiros algumas lições.

Antes de mais, logo nos fere a atenção a ampla visão do trabalho a realizar que caracterizou os obreiros da primeira hora. Em vez de confinarem a sua actividade a um sector restrito de Angola, foram escolhidos pontos estratégicos de sorte que os grupos étnicos mais representativos pudessem ser atingidos pela mensagem sob os seus três aspectos característicos de evangelização, educação e assistência médica.

Em segundo lugar, é de notar a isenção política dos nossos pioneiros. Por mais que procuremos, não encontraremos neles o mínimo vestígio de política em favor da sua nacionalidade de origem ou de falta de cooperação com as autoridades legitimamente constituídas. O seu pensamento elevava-se acima dos interesses e paixões que, com prejuízo da obra caracteristicamente missionária, outros têm por vezes revelado.

Mas a lição mais nobre dos nossos pioneiros foi sem dúvida o abnegado espírito de sacrifício que manifestaram. Numa altura em que as viagens eram demoradas, incómodas e perigosas; em que a defesa contra as feras e os mosquitos era deficiente; em que havia falta dos artigos de vestuário, dos géneros de alimentação e das amenidades da vida civilizada de que hoje desfrutamos—eles dedicaram sem reserva as suas vidas ao trabalho missionário. Dos seus sacrifícios colhemos hoje abundantes frutos.

Que estas três lições—a de uma visão ampla do trabalho a realizar, de perfeita isenção política e de abnegado espírito de sacrifício—nos inspirem mais dedicação ao trabalho e mais fidelidade na guarda do depósito que nos foi confiado.

Certamente, «nada temos a temer para o futuro, a não ser que esqueçamos o caminho pelo qual o Senhor nos guiou, e o Seu ensino na nossa história passada.» E. G. White, Life Sketches, pág 196.

E. F.

W. H. Anderson, o pioneiro

por E. Ferreira

É uma honra para Angola contar como seu pioneiro o Pastor W. H. Anderson, que além de ser um dos mais notáveis missionários na história do Movimento Adventista, durante algum tempo foi director do Claremont College, antepassado do actual Helderberg College, e autor de estilo sempre vivo e cativante, como prova no seu conhecido livro *On the Trail of Livingstone* (No Trilho de Livingstone).

Tendo chegado à África em 1895, fez parte do grupo de missionários que fundaram a nossa primeira missão entre nativos neste Continente, em Solusi, a cinquenta quilómetros de Bulawayo.

Com sua esposa, a família G.B. Tripp e o Dr. A. S. Carmichael, viajou de comboio desde o Cabo até Mafeking, tendo daqui seguido, num percurso de mais de mil quilómetros, de carro de bois, até ao local da missão.

Os bois não andavam, em média, mais de 20 a 25 quilómetros por dia. Por vezes era tão difícil obter água, que certo dia só puderam matar a sede com a água suja devidamente coada e fervida de uma espécie de cacimba onde os bois já tinham estado.

Chegados a Solusi em 25 de Julho desse ano, de 1895, imediatamente construíram casas de pau a pique e começaram a trabalhar.

No ano seguinte, eclodiu a revolta dos Matabeles, povo dessa região, contra os europeus. Os missionários tiveram de fugir para Bulawayo, onde os alojamentos atingiram preços inacessíveis. Assim os nossos missionários tiveram de se alojar, durante 7 meses, no seu carro de bois. Ao casal Anderson coube o rés-do-chão do prédio, ou seja, debaixo do carro...

Entretanto, como em Bulawayo havia falta de mantimentos, os missionários revezavam-se e iam de noite até Solusi, a fim de se fornecerem.

Certa noite quando o Pastor Anderson se encontrava a caminho perto da Missão, ouviu nitidamente uma voz que lhe disse: «Sai daqui depressa, porque estás em perigo».

Embora não pudesse supor de que perigo se tratava, embrenhou-se no mato e ali dormiu até de manhã.

Quando depois se encontrou com os nativos de Solusi, perguntaram-lhe estes se não tinha visto nenhum dos rebeldes. Tendo respondido negativamente, soube que poucos minutos depois de ter ouvido a voz de aviso, cerca de 500 rebeldes passaram pelo caminho ao longo do qual ele ia. Certamente, os anjos do Senhor se acamparam ao seu redor e o livraram.

Durante esta revolta, os nativos vizinhos da Missão não se aliaram aos rebeldes. Depois dos missionários terem fugido, um chefe levou de suas



Pastor W. H. Anderson e Esposa

casas os respectivos bens, escondeu-os numa caverna e restituiu-lhos quando eles regressaram.

Dominada a rebelião, puderam os missionários voltar a Solusi. Mas pouco depois foram flagelados pela fome. Nessa altura, apesar das dificuldades, recolheram em suas casas 50 crianças abandonadas, com as quais foi iniciada a primeira escola missionária adventista de África.

Grande foi o sacrifício de vidas que pouco depois experimentou o pequeno grupo de pioneiros de Solusi. Só no ano de 1898 faleceram, como resultado de paludismo, cinco missionários — o Dr. Carmichael, o Pastor Tripp e seu filho George, a S.^{ra} Armitage e uma filhinha do Dr. Sparrow. No dizer de Spicer, nenhum empreendimento missionário desde que começámos o nosso trabalho teve de suportar tão severa prova.

Em 1905, o Pastor Anderson partiu em viagem de exploração para o norte do Zambeze. Tendo partido de Solusi com alguns rapazes da Missão para levarem as cargas, a maior parte da viagem foi feita a pé, pelo meio do mato. No percurso, um carregador nativo, que tinha sido assalariado para aliviar as cargas dos rapazes, fugiu com as mais necessárias de sua provisões.

Em plena selva, longe de todos os recursos, o Pastor Anderson caiu gravemente doente com disenteria. Julgando chegados os últimos momentos de sua vida, deu indicações aos rapazes acerca do seu enterro e deixou mensagens de encorajamento para sua esposa e amigos que tinham ficado na Missão. Finalmente adormeceu, enquanto os seus rapazes cantavam o hino «Nunca me há-de deixar». Ficaram soando-lhe aos ouvidos os versos do coro:

«Pois Ele mesmo prometeu
Nunca me deixar, nunca me deixar»!

Toda a noite dormiu enquanto o mais velho, Detja, velava em oração. Na manhã seguinte, um nativo trouxe a notícia de que um homem branco estava acampado a alguns quilómetros dali, perto do rio. Foi logo preparada uma tipoia e levaram o missionário até ao acampamento do branco, que era um velho

caçador. Este o recebeu e o tratou. Duas semanas depois, embora fraco e doente, o Pastor Anderson podia continuar a sua viagem, até chegar ao local, por ele escolhido, onde depois se levantaria a Missão de Rusangu.

Quando regressou a Bulawayo, depois de uma viagem de mais de 1.500 quilómetros, era sexta-feira à noite. Estava desejoso de se encontrar com sua esposa e com seus colaboradores de Solusi. Nessa mesma noite percorreu a pé os 50 quilómetros que o separavam de casa. Às cinco horas da manhã acordava sua esposa e a família da missão, depois de uma ausência de quatro meses, sem que ninguém tivesse ouvido uma palavra acerca do seu paradeiro. Naquele Sábado houve alegria e louvor em Solusi.

Depois de ter passado uns meses de férias na sua terra natal, voltou a África, sendo em 1905 encarregado de fundar a missão cuja localização dois anos antes havia explorado. Depois de uma viagem repleta de peripécias, durante a qual encontraram leões raivosos, de que foram livres pela mão protetora de Deus, chegaram ao local da Missão em 5 de Setembro de 1905, tendo-se alojado numa palhota provisória.

O Pastor Anderson planeava passar os dois primeiros anos a estudar a língua nativa, nova para ele, a desbravar e cultivar o terreno e a levantar as primeiras construções.

Mas logo no dia seguinte ao da sua chegada, apareceu um nativo que sabia um pouco da língua dos Matabeles, falada pelo Pastor Anderson, e disse-lhe:

«Mestre, eu vim para a escola».

«Escola! — mas nós não temos ainda escola. Tenho de estudar primeiro a língua, de a reduzir à forma escrita, de preparar livros escolares. Só daqui a dois anos poderemos ter uma escola.»

«Mas tu não és professor?» perguntou o rapaz.

«Sim, esse é o meu trabalho.»

«Então ensina-me. Todo este país ouviu que tu és professor e que vieste para nos ensinar; e aqui estou eu. Vim para a escola.»

«Não, não! Eu não posso ensinar

agora. Há muito a preparar antes de eu poder ensinar.»

Mas o rapaz não desistiu e continuou:

«Se és professor, deves ensinar-me.»

Passado pouco, no carro de bois tomava a refeição com sua esposa e contava-lhe a conversa havida com o rapaz, que aguardava a pouca distância. A. S.^{ra} Anderson perguntou então ao esposo:

«Ouviste alguma vez que Jesus tenha mandado alguém embora sem o ter ajudado?»

Ele não podia lembrar-se de tal ter lido ou ouvido. E foi assim que o rapaz pôde ficar na Missão para ser ensinado, embora não houvesse escola, nem livros, nem língua escrita.

No dia seguinte apresentaram-se mais quatro jovens e iniciou-se a escola. Depois dos trabalhos do dia, o Pastor Anderson e os rapazes reuniam-se em volta da fogueira, enquanto ele próprio ia aprendendo a língua chitonga. Passado algum tempo a língua era reduzida à forma escrita e começaram a ser usados o quadro preto e as ardósias.

Dentro de um mês havia quarenta alunos. No fim do primeiro ano de ensino o missionário tinha preparado uma série de lições bíblicas desde a criação até ao dilúvio e o primeiro livro de leitura em chitonga, que mandou imprimir no Cabo.

A mesma casa de uma só divisão servia de dormitório, refeitório, escola e igreja. Das tábuas dos caixotes da bagagem foi feita uma mesa que se estendia ao longo do edifício.

Um dia chegaram mais cinco rapazes, depois de percorrerem para cima de 200 quilómetros. Também eles queriam ser admitidos na escola. Mas como conseguir acomodá-los, se os actuais alunos já ocupavam de noite todo o espaço do chão disponível em volta da mesa?

«Que havemos de fazer»? perguntou o Pastor Anderson a seu velho colaborador nativo Detja. «A casa está cheia, a estação das chuvas está a começar, o capim para se cobrirem casas está queimado, já não podemos construir mais. Os alunos que temos enchem

completamente o chão quando se deitam, e estes rapazes não podem dormir ao ar livre durante a estação das chuvas».

Depois de reflectir por um momento, Detja sugeriu:

«Pastor Anderson, eu sei que o chão fica completamente cheio quando se deitam; mas não há ninguém a dormir em cima da mesa.»

E foi assim que durante os cinco meses seguintes, aquela mesa serviu para nela se comer, se estudar e se dormir.

Algum tempo depois um representante do governo visitou a escola, e vendo os alunos limpos, dóceis e aplicados, perguntou ao missionário:

«Donde vieram estes alunos?»

«Das aldeias.»

«Mas não das aldeias daqui...»

«Sim.»

«Oh, não! declarou o visitante.: Isso não pode ser! Eu conheço os Batongas, viciosos e pervertidos, e sei que estes nunca podiam ter sido rapazes Batongas.»

Mas eram na realidade. O poder do Evangelho os havia transformado.

* * *

Depois de cerca de trinta anos de agitada e dedicada vida missionária, de que os episódios atrás mencionados constituem apenas fugitivos lampejos, o Pastor Anderson veio para Angola.

Tendo realizado uma primeira viagem de exploração em 1922, aqui se fixou com a sua esposa em Abril de 1924.

O interessante artigo escrito por Mrs Anderson para este número do *Boletim Adventista* conta alguns dos aspectos dos primeiros contactos com esta Província.

Enquanto aqui esteve, o Pastor Anderson prosseguiu nas suas actividades de incansável explorador. A ele se deve a localização de quase todas as nossas actuais estações missionárias. Outros locais foram também escolhidos e igualmente em pontos estratégicos, mas circunstâncias diversas impediram que os planos se realizassem.

Em 1933, depois de cerca de dez anos de serviço entre nós, deixou esta

Continua na pág. 29

Abrindo o Caminho em Angola

por Mrs. W. H. Anderson

Em 1922 o meu marido foi convidado a ir a Angola a fim de aí procurar locais para abrir missões.

Ele devia passar pelo Sudoeste Africano no seu caminho, para também ali procurar locais estratégicos. Atravessou de Mafeking até Keetmanskoop. Daqui passou a Rheabeoth, Windhuek, Grootfontein, Tsumeb e outras terras até ao Rio Cunene. No Sudoeste Africano encontrou vários locais bons.

Levava consigo um nativo chamado Charlie. Em suas viagens no Sudoeste Africano chegaram a uma região extremamente seca. Tinham andando todo o dia sem ver água. Estavam certos de que iam perecer. Já noite entrada, ainda procuravam água. De repente Charlie disse: «Cheira-me a água». Guiados pelo cheiro, encontraram finalmente uma pequena nascente de água!

Charlie regressou a Tsumeb e meu marido prosseguiu sózinho para Angola, chegando ao Cunene à tardinha. O governo português tinha nativos estacionados ali para transportarem os viajantes através do rio. Mas recusaram transportá-lo aquela noite. Diziam que era demasiado tarde. Procurou pagar-lhes, mas eles positivamente recusaram. Havia outro branco na margem portuguesa aguardando, mas ele teve de ficar ali, ao passo que meu marido teve de ficar no seu lado. Meu marido pensava que se pudesse atravessar aquela noite, poderia prosseguir o seu caminho cedo, antes de os remadores se levantarem.

Sua entrada em Angola não foi agradável. O espectáculo que contemplaram os seus olhos ao desembarcar foi triste e trágico. Os leões tinham atacado o branco que ali dormia, e apenas lhe deixaram os pés nas botas! Meu marido ficou muito impressionado. Podia ter sido ele a vítima! «O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra.» Pôde ver então o motivo por que, apesar de todos os

seus poderes de persuasão, aqueles remadores recusaram levá-lo para a outra margem. O anjo do Senhor não lhes permitiu!

Ele passara um mês explorando o Sudoeste Africano. Entretanto eu recebia as suas cartas regularmente. Súbitamente, porém, deixei de as receber. Tendo-se passado três meses sem notícias suas, comecei a ficar muito preocupada. Perguntei ao Pastor Beddoe se devíamos ir ao Consul Americano para ver se podíamos descobri-lo. Ele procurou consolar-me dizendo: «Que talvez viesse no barco seguinte». O Pastor Beddoe decidiu que se não recebessemos notícias pelo fim do quinto mês iríamos então ao Consul Americano. Finalmente ouvimos a notícia de que estava chegando um barco. Meu marido vinha nele, e telefonou-me de Walfish Bay. No dia seguinte ele chegava a Cape Town e no mesmo barco vinham vinte e uma cartas suas. Tenho pena de não ter conservado todas essas cartas. Teríamos assim a narração completa de todos os acontecimentos. Ele tinha um Diário, mas foi dado à sede da União Sul Africana.

Depois de atravessar o Cunene, explorou em volta de Moçamedes, Caconda e, finalmente, chegando à região dos Umbundus, no planalto, foi até à pequena povoação do Lépi. Depois de explorar essa secção, decidiu pelo local que chamamos Bongo. Tinha andado para cima de 1200 quilómetros, durante seis meses.

O termo do caminho de ferro nessa altura era em Huambo, mais tarde chamado Nova Lisboa. No ano seguinte o caminho de ferro estendeu-se até ao Chinguar.

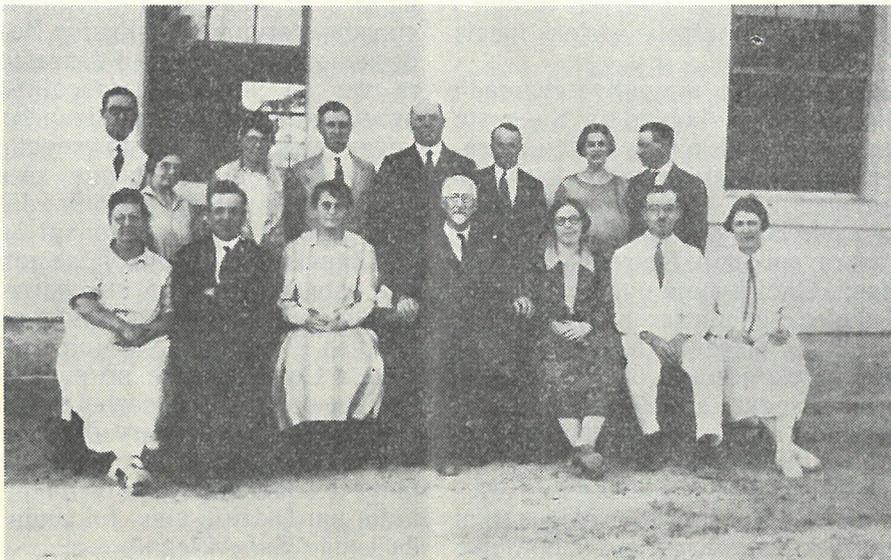
Meu marido terminou a sua exploração e, depois de ter dado os passos necessários em Luanda para a obtenção do terreno, voltou de barco para o lar.

Em 1924 o Pastor Baker, sua família, meu marido e eu, fomos para An-

gola a fim de iniciar o trabalho. Vivemos todos no Lépi até que uma casa foi construída na Missão para os Bakers. Um mestre de obras português, Senhor Ferreira, construiu a casa. O Pastor Baker foi o primeiro director do Bongo. Meu marido era o Presidente do campo. Vivemos durante algum tempo no Lépi.

No cacimbo de 1924 subimos até à terra dos Quiocos, a uns 600 quilómetros para além do termo do caminho de ferro. Depois de procurar durante dois meses, decidimos por um local perto

nhamos comida connosco para três semanas no caso de um pequeno atraso. Estávamos convencidos de que a estação das chuvas tinha terminado, mas a chuva voltou por mais sete semanas. O nosso carro, uma velha carrinha Ford modelo T, avariou-se na caixa de velocidades ao percorrer os pântanos do Cuanza, a cerca de 450 quilómetros para além do termo do caminho de ferro. Ainda faltavam uns cento e cinquenta quilómetros para andar. Deixámos o carro ao lado da estrada perto de um Posto e seguimos a pé debaixo de chu-



GRUPO DE PIONEIROS

Sentados, da esquerda para a direita: Sra. Annie Baker, Pastor J. D. Baker, Sra. Mary Anderson, Pastor W. H. Anderson, Miss Ina L. Moore, Dr. e Sra. A. N. Tonge.

De pé, da esquerda para a direita: T. R. Huxtable, Sra. Huxtable, Sra. Harder, David Harder, Pastor W. H. Branson (da Divisão), O. O. Bredenkamp, Sra. Sá, João de Sá Lago.

da aldeia do Soba Mualengue. Fomos em seguida até Saurimo para pedir uma licença de demarcação e voltámos ao Lépi.

O Irmão e a Irmã O. O. Bredenkamp e o Irmão e a Irmã David Harder vieram no fim de 1924 para ocupar esta missão da Luz. O Irmão e a Irmã João de Sá, de Portugal, vieram para ajudar no Bongo.

No princípio de 1925 voltámos ali para fazer as transacções finais com o Governo em Saurimo. Planeámos estar ausentes durante duas semanas. Ti-

va. Enviámos um rapaz ao Chinguar para ver se conseguia as peças que faltavam. Entretanto arranjámos carregadores nativos por intermédio do Chefe do Posto. Eram os mais selvagens seres humanos que jamais vimos. Se não queriam continuar viagem, agitavam os seus «porrinhos» diante de nossos rostos e dançavam ao nosso redor. Esperámos três meses e meio pelas peças. Não havia peças no Chinguar, assim o rapaz teve de ir até Huambo buscá-las e além disso gastou o resto de tempo por sua conta.

Entretanto o meu marido desbravou alguns hectares de terreno para os edifícios permanentes onde está presentemente a Missão

Não tendo protecção contra os mosquitos adoeci com frequentes ataques de paludismo.

Finalmente vieram as peças, depois de muitas dificuldades no caminho, e começámos a viagem de regresso. Na noite em que chegámos a casa adoeci com uma biliosa. (Podia escrever-se um livro bastante volumoso acerca do trabalho nesta parte de Angola).

Meu marido por pouco escapou quando voltava de uma viagem que fez ao norte para localizar a Missão do Cuale. Quando chegou ao Rio Cuanza, quando se estava preparando para entrar na jangada, um português aproximou-se dele e pediu-lhe se podia ir de carro com ele até ao Chinguar. Meu marido prontamente acedeu. O homem disse que tinha um amigo que também desejava ir. Correu ao mató para o trazer. O jangadeiro disse ao meu marido para se apressar, e logo pôs a jangada em movimento. Disse que estes homens tinham sido presos por homicídio e roubo e tinham escapado da prisão de Saurimo e que a polícia estava à procura deles para os apanhar. Quando voltaram, já a jangada com o meu marido nela, ia a meio do rio. Ele dizia que as suas maldições e pragas eram ditas em voz tão alta que se ouviam na margem oposta. De novo o anjo do Senhor o protegeu.



Irmão Daniel Cahangala, o segundo a contar da esquerda.

O Doutor e a Sr.^a A. N. Tonge, e o Irmão e a irmã T. R. Huxtable vieram para o Bongo no fim de 1925. Ina L. Moore, enfermeira, veio em 1926.

O Irmão Huxtable era um bom construtor. Em 1926 foi construída a nossa casa em Nova Lisboa. No Bongo foram construídos a igreja, o hospital, dispensário e enfermaria, e três outras moradias.

Deixámos a União de Angola em 1953, se bem me recordo. O Pastor C. W. Curtis tomou a direcção da União quando nós partimos.

Como este número de nosso *Boletim* é especialmente para honrar os obreiros pioneiros, deve fazer-se menção honrosa dos Irmãos O. O. Bredenkamp. Eles puseram a obra no mapa entre os quiocos. Tão longe da civilização, ele era jovem. Nos primeiros dias aquele era um lugar solitário. Ela não tinha comodidades. Cozia o seu pão num morro de salalé, e a principio, durante alguns meses, cozinhava em fogueira ao ar livre. Nunca de seus lábios saiu uma palavra de queixa ou murmuração. Estou certa de que o Céu tomará nota da fidelidade deste casal. Estes dias dos pioneiros foram difíceis. Mas comparadas com as desenvolvidas missões de Angola de hoje é difícil compreender o que foram aqueles dias.

Os pioneiros desbravaram o terreno e plantaram a semente do Evangelho e o crescimento tem sido maravilhoso. Creio que esses pioneiros semearam fielmente e bem, para produzirem uma tão maravilhosa colheita como a que hoje se observa em Angola.

Não creio que nenhum de nós pretenda tomar todo o crédito, porque tivemos alguns irmãos africanos muito fiéis que nos ajudaram nobremente. Sem eles nunca poderíamos realizar o que fizemos. Queira Deus abençoá-los e a todos vós até que a obra esteja terminada.

Iniciando o nosso trabalho em Angola

por O. O. Bredenkamp

Foi em Abril de 1924, quando me encontrava em Windhoek, no Sudoeste Africano, que recebi o apelo de ir para Angola a fim de iniciar ali o trabalho missionário adventista.

Minha esposa e eu embarcámos em Walvis Bay. A bordo iam também o Pastor e a Sr.^a Anderson e o Pastor Baker. Desembarcámos no Lobito onde passámos algum tempo para desembarçar da alfândega as nossas bagagens e para comprar alguns mantimentos. Dalí viajámos de comboio até ao Lépi, onde o Pastor Anderson, no ano anterior, tinha escolhido o local para uma missão a cerca de 18 quilómetros dali, o qual foi demarcado pelo Pastor Baker.

Depois das senhoras se terem instalado no Lépi, partimos os três, a pé, para o local da missão. Ao chegarmos levantámos a nossa tenda, mas os mosquitos incomodaram-nos tanto aquela noite, que no dia seguinte tivemos de a arrumar noutra sítio. Começámos logo a desbravar e a construir.

Durante estas operações, três rapazes que tinham estado noutra missão vieram pedir-nos trabalho. Tinham as suas Bíblias e hinários, e assim em volta da fogueira cantávamos e líamos passagens das Escrituras na sua língua e deste modo procurávamos ensinar-lhes a Verdade. Um desses rapazes veio depois aser um dos nossos obreiros.

Desde o início o plano era que eu fosse parao Norte e estabelecesse ou-

tra missão, enquanto o Pastor Baker ficaria na actual Missão do Bongo. O Pastor e a Sr.^a Anderson partiram de carro a fim de escolher o local para essa Missão e de nos mandar carregadores a Silva Porto, que era nessa altura o termo do caminho de ferro, onde estaríamos à sua espera. O seu carro avariou-se em Cachipoque e tiveram de completar a viagem em tipóias. Entretanto minha esposa e eu ficámos no Lépi para ajudar o Pastor Baker a estabelecer a Missão.

A família do Pastor Baker estava ainda no Cabo e por isso eu levei a minha esposa e o meu filho Frank para a Missão e ali vivemos numa tenda enquanto se não construía uma casa de pau a pique de uma só divisão. Mais do que uma vez durante este tempo fomos expulsos da nossa tenda ou da nossa casa pelas formigas e tivemos de passar o resto da noite junto da fogueira.

Quando as chuvas passaram arrumámos nossas bagagens e partimos

de comboio para Silva Porto a fim de ajudar os carregadores que o Pastor Anderson devia enviar para nos transportar até ao Dala. Passámos muitos longos dias aguardando os portadores que não chegaram. Finalmente fui ao posto junto da passagem do Rio Cuanza, e consegui carregadores. Fiz esta viagem de bicicleta e depois de carro até ao Rio Cuanza. Tivemos de atravessar o rio num barco nativo. Levou um dia inteiro a fazer a travessia.

Junto do Cuanza o nosso pequeno



O. O. Bredenkamp e Esposa

Frank ficou doente com disenteria e durante alguns dias pensávamos que íamos perdê-lo. Um médico protestante de uma missão que ficava a poucos quilômetros para além do Cuanza ajudou-nos com alguns medicamentos e o Senhor poupou a vida do nosso filho.

Pouco antes de chegarmos a Cachipoque encontrámo-nos com o Pastor Anderson que regressava do Dala. Ele disse-nos que tinha deixado a Sr.^a Anderson no Dala e que ía ao Lépi e que devíamos aguardá-lo em Cachipoque. Isto foi na sexta-feira e no domingo ele voltou com o Irmão Harder e levou-nos para o Dala de carro. Eu tinha viajado de bicicleta e minha esposa de tipoia. Desde o Dala até à Missão eram ainda 30 km. e tinham de ser percorridos de bicicleta e tipoia. O Irmão Harder e eu partilhámos a bicicleta e a minha esposa e o Pastor Anderson tiveram tipoias. Encontrámos a Sr.^a Anderson vivendo numa cabana de capim que o Pastor Anderson tinha construído. Esta Missão é a Missão da Luz. O Pastor e a Sr.^a Anderson e o Irmão Harder em breve nos deixaram e eu fiquei ocupado em construir e ensinar. Tive de ensinar os nativos a cortar e serrar árvores visto que não havia serradores. Também ensinei alguns no ofício de carpinteiro. Luz é uma região arenosa e não há barro para fazer tijolos e por isso tivemos de usar adobos. Também não era possível obter cimento visto encontrarmo-nos muito longe do caminho de ferro. Tínhamos de enviar carregadores a Silva Porto para trazerem o correio e os mantimentos, e isso levava 40 dias ou mais contando o tempo de ida volta. Mais tarde o caminho de ferro chegou a Vila-Luso (a 160 km.) e íamos aí buscar o nosso correio e mantimentos.

Estas eram as condições quando ali chegámos. Numa aldeia em que passei, os nativos disseram que eu era o primeiro homem branco que jamais se viu ali. Muitas vezes quando íamos ao mato de bicicleta as mulheres e crianças corriam e escondiam-se quando me viam aproximar. Em breve fizemos amigos entre estes povos e conseguimos que alguns deles viessem à escola e outros

se unissem à classe baptismal. Estivemos no Luso seis anos.

Depois pediram-me para ir para Luscuse, no distrito do Moxico. Também aqui lançámos os fundamentos do trabalho visto que absolutamente nada existia quando chegámos. Tivemos de aguardar muito tempo antes de obtermos a autorização para abrir a Missão. Enquanto aguardávamos a autorização vivíamos numa casa de capim que ardeu numa noite. Foi incendiada por uma lâmpada de pressão que tinha sido demasiado cheia. Perdemos bastante do que possuíamos, neste incêndio. Nessa altura o chefe do posto veio em nosso socorro e permitiu que vivêssemos numa casa que ele estava construindo para si próprio.

Pouco depois disso foi-nos dada autorização para abrir a Missão e então entregámo-nos afanosamente às construções.



C. W. Curtis e Esposa

Carta do Dr. A. N. Tonge

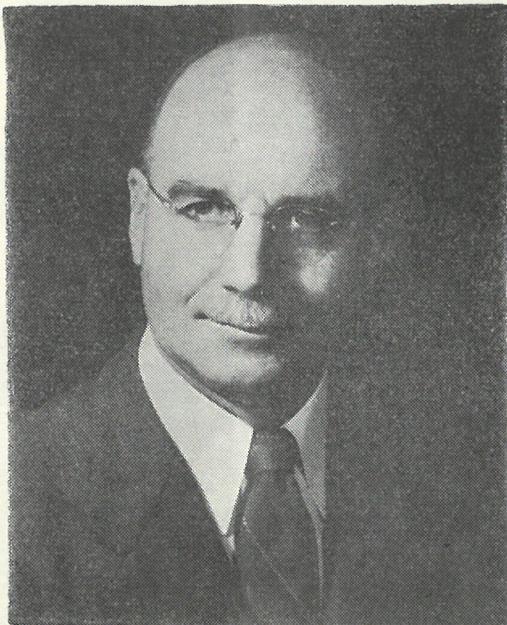
para os crentes do Bongo

Prezados Irmãos na Fé

Cada vez que a minha mente se volta para África, vai sempre para o Bongo e para os poucos anos maravilhosos ali passados na missão. Esses foram anos felizes porque nos familiarizámos com muitos jovens que através do tempo se tornaram fortes obreiros para Cristo. Sim, alguns já morreram, tendo servido bem a causa adventista como professores e pregadores da Verdade. Outros têm sido fiéis às verdades bíblicas aprendidas e são exemplos vivos conhecidos por muitos homens. Mas há outros que desanimaram e abandonaram a Fé por amor ao dinheiro ou honras. Quão orgulhosos todos nos sentimos por homens como Daniel e Mário. Só o Senhor sabe acerca das estrelas que estarão nas suas coroas. Desejamos egoístamente que cada um deles tivesse podido desfrutar de mais anos de serviço, mas o nosso Pai Celeste sabe o que é melhor.

Aqueles primeiros anos foram repletos de agradáveis experiências. Tive ocasião de fazer aqui na América muitos apelos para levantar dinheiro com que prover as necessidades da longínqua África. Sim, ao pensar em cada um de vós o meu coração palpita mais rapidamente com a memória dos vossos nomes. Trabalhámos juntos fazendo tijolos, transportando madeiras, cons-

truindo as primeiras divisões do hospital e depois a escola e a igreja. Trabalhámos juntos, estudámos juntos, construímos juntos e orámos juntos. Nenhum de nós sabia bem a língua portuguesa mas, estudando-a ano a ano na escola e usando-a constantemente embora não fosse a língua materna de nenhum de nós, aprendemo-la finalmente o suficiente para conseguir que alguns dos vossos estudantes ficassem aprovados nos exames oficiais. O Senhor abençoou os esforços de todos nós e a nossa escola e hospital cresceram e prosperaram.



Dr. A. N. Tonge

Depois de ter sido completado o núcleo original da Missão que compreendia a casa de director da Missão, do director da escola e do médico missionário além do edifício escolar e do hospital, lembro-me de quão ansioso eu estava de se estabelecer um plano de irrigação para as hortas e os campos de trigo. Assim foi cavada uma vala de um metro de largura e um metro de profundidade que começava no rio a cerca de quilómetro e meio. Que dia quando ela se completou e água corria através da vala até às nossas hortas! Foram cultivadas hortas viçosas para a escola assim como para a Missão. Um belo pomar de laranjeiras foi plantado com árvores importadas do Cabo pelo Pastor W. H. Anderson. Quando estas árvores tinham três anos de idade e produziam frutos, foram tra-



Primeiro edifício do Hospital

tadas com um banho demasiado forte que as matou todas. Quão tristes ficaram os nossos corações ao ver todas essas belas laranjeiras secarem e morrerem. Os alunos e nós professores tínhamos trabalhado tanto e dado tanto cuidado àquele belo pomar. Todavia os abacateiros que foram plantados pela mesma altura portaram-se melhor. Estes procederam de caroços de abacate que a Sr.^a Tonge pusera em latas na cozinha. Os estudantes e eu preparámos o terreno e quando estas pequenas árvores se tornaram suficientemente fortes foram transplantadas para o terreno preparado. Em breve tivemos um pomar de abacateiros em franco desenvolvimento. Eram, porém, ainda pequenas árvores quando fomos transferidos para Bechuanalândia, na África ao Sul. Assim, nunca tivemos o privilégio de comer do fruto dessas belas árvores que agora enchem os vossos cestos de belos abacates.

Algumas destas experiências não podem deixar de nos lembrar tanto as alegrias como as tristezas que nos sobrevieram na vida. A Sr.^a Tonge e eu temos muitas vezes refletido nos anos passados no Bongo e desejamos que nos tivesse sido possível tanto a nós como a nossas famílias ter passado muitos mais anos com todos vós nessa Missão. Cada

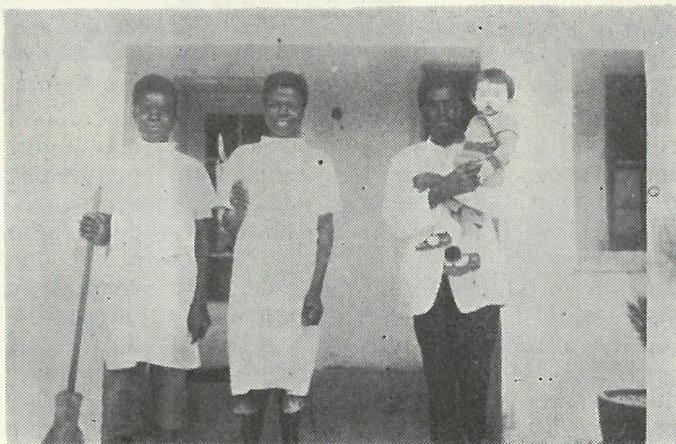
um de vós significa muito para nós. Penso em vós com quem estudei e que depois na altura dos Congressos baptizei. Penso que todos sejam ainda fiéis aos votos então tomados. Nada me daria maior alegria do que ver a todos vós de novo aí no Bongo. Se isso não for permitido nesta velha terra encontrar-nos-emos na Nova Terra.

As profecias que estudámos juntos estão-se agora cumprindo perante os nossos olhos. Nunca houve tanta falta de amor na terra como agora. O temor enche todos os corações dos cristãos. Devemos fixar os nossos olhos em nosso Salvador e não permitir que o diabo, com todos os seus enganos, nos afaste ou desvie para caminhos que nos levem a perder a vida eterna. Estudai e lêde as vossas Bíblias diariamente. Fazei regularmente o culto da manhã e da noite. O Senhor abençoar-vos-á abundantemente pela vossa fidelidade. Que o Senhor vele sobre cada um de nós até que nos encontremos de novo é a minha oração.

Sinceramente,

vosso Irmão em Cristo

Dr. Archie N. Tonge



Bongo - 1927: Eduardo, Cassinda e Cassissa.
Este com Newton Tonge.

«EU ME LEMBRO»

por P. Stevenson

Uma carta recente do Pastor E. L. Jewell faz-me evocar as felizes recordações dos vinte anos que passei como missionário em Angola. A carta fez-me lembrar uma vez mais do trabalho e dos muitos obreiros que ali deixei há já catorze anos.

LEMBRO-ME da minha primeira chegada a Angola, no início de 1930, como missionário recentemente casado e saído há pouco do Helderbeg College.

LEMBRO-ME dos meus encontros com o Pastor W. H. Anderson, desse valoroso pioneiro da obra missionária em Angola. Ele fazia-me recordar o apóstolo Paulo, não porque jamais eu tivesse visto o apóstolo Paulo, mas por ter lido tanto do Novo Testamento acerca deste grande pioneiro.

LEMBRO-ME do dia em que chegámos à Missão do Bongo. Tínhamos passado a noite anterior na Namba, vindos do Lobito e ali nos encontramos com o Pastor e a Sr^a. Baker. Quando chegámos à Missão

do Bongo fomos ali recebidos pelo director T. R. Huxtable e pouco depois fomos apresentados a João Gnutzman e sua esposa e em seguida a A. Lategan. Estas famílias constituíam então todo o pessoal missionário da Missão do Bongo. Que diferença do que hoje sucede, em que há diversas famílias além de obreiros solteiros!

LEMBRO-ME das duas habitações de um único andar e de outra casa com primeiro andar. No meio da Missão estava um pequeno edifício de quatro divisões que se tornou o nosso primeiro lar neste novo campo missionário. Ho-

je encontramos a Missão do Bongo com muitos belos edifícios.

LEMBRO-ME, naqueles primeiros dias da obra missionária, de como minha esposa, o Irmão A. Lategan e eu íamos a pé cada Sábado à tarde até ao mato a cerca de hora e meia de caminho e então íamos a uma aldeia onde podíamos fazer um serviço de pregação. Esta aldeia tornou-se depois uma das nossas primeiras escolas do mato e ali levantámos um bom e forte grupo de crentes.

LEMBRO-ME que poucos anos depois fomos transferidos para a sede em Nova Lisboa onde vivemos durante alguns anos na garagem e nos anexos da casa dos Secretários-Tesoureiros, que ainda não tinha sido construída por falta de fundos.

LEMBRO-ME de como trabalhámos para converter almas à Verdade em Nova Lisboa e como nos reuníamos cada Sábado para a Escola Sabatina e culto, na casa do Presidente de então.

LEMBRO - ME de como mais tarde conseguimos reunir algum dinheiro e mandar construir uma pequena capela no quintal da nossa sede em Nova Lisboa. O pequeno grupo de crentes foi crescendo e ficámos muito contentes ao ver a obra desenvolvendo-se e novos conversos vindos para a Igreja.

LEMBRO-ME de que depois de alguns anos de trabalho entre a população indígena sentimos que devíamos fazer algum trabalho entre a população europeia e assim o Pastor e a Sr^a. A. J. Rodrigues vinham do Bongo, de combóio cada quinta-feira à noite e



Peter Stevenson e Esposa

passavam o fim de semana dando estudos bíblicos e fazendo cultos na nossa pequena capela aos Sábados à tarde para as pessoas interessadas daquela cidade. No combóio de domingo à noite o Irmão e a Irmã Rodrigues voltavam ao Bongo para continuar com a sua tarefa de ensino no Instituto. O trabalho entre os habitantes de Nova Lisboa foi muito difícil, como é sempre difícil quando se começa um novo trabalho, mas ouvimos relatórios de como aí há uma Igreja nova na propriedade da Missão com uma frequência regular de bom número de preciosas almas que adoram ao Senhor cada Sábado.

LEMBRO-ME de como fomos levados pelo Senhor a iniciar a Obra em Benguela e de como enviámos Manuel de Castro para fazer reuniões públicas num salão alugado naquela cidade.

LEMBRO-ME das dificuldades que encontrámos e da grande oposição que tivemos de enfrentar de tal maneira que o nosso evangelista ficou desencorajado. Mas hoje temos uma Igreja nossa em Benguela, e compreendo que um bom número de almas se tem baptizado e unido à Igreja.

LEMBRO-ME dos primeiros frutos do trabalho do Pastor Castro em Benguela e de como fui chamado de Nova Lisboa para baptizar duas preciosas almas que tinham aceitado a mensagem e desejavam unir-se à Igreja. Uma dessas pessoas era um Irmão que tinha apenas uma perna, havendo a outra sido amputada por altura do joelho.

LEMBRO-ME de termos baptizado essas duas almas numa lagoa e de como o Jornal de Benguela nos deu a seguinte publicidade:

«Em serviço da Missão Adventista deslocaram-se ao litoral o seu director Sr. Pastor Stevenson e o Sr. Manuel S. Castro, dando-nos ambos

a satisfação de os cumprimentar nesta redacção. Nesta cidade, e num corpo do edifício acabado de construir ao lado da «Livraria Magalhães», está já a funcionar uma delegação adventista, onde normalmente se realiza o culto religioso. Amanhã, Sábado, realizar-se-á em Benguela o primeiro acto de baptismo segundo o ritual da religião adventista, cuja cerimónia se efectua ao ar livre, na lagoa que entesta a Avenida Cerveira Pereira, junto à Praia Morena».

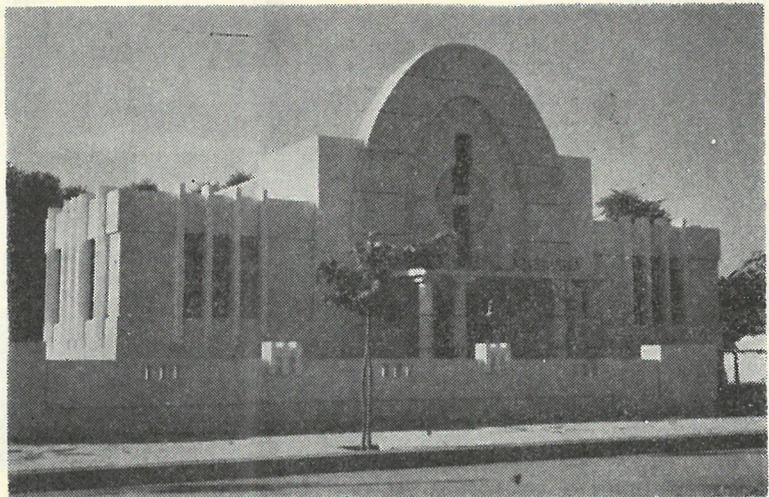
Sim, lembro-me dessa abençoada ocasião em que baptizei duas preciosas almas, um Irmão e uma Irmã, e de publicamente eles terem testemunhado da sua fé no Senhor Jesus. Oh! eu podia continuar contando acerca das muitas experiências de que me lembro.

LEMBRO-ME de como adquirimos a Namba, depois Quilengues e mais tarde as Missões da Luz, do Lucusse e do Cuale.

LEMBRO-ME de alguns dos velhos e fiéis obreiros que tanto vim a amar. Homens como Mário Abel, Paulino Dias, Diniz Capiñala, Pedro Freitas, Isaias Gonçalves, Eduardo Gando, Colino Chico, Jeremias Manganjo, Leonardo Mines, Venâncio Chipopa, Rodrigues Pataca, Herculano Castro, Carlos Sequeseque e muitos com quem passei muitos dias tão felizes visitando as suas escolas, missões e igrejas.

Ao lembrar-me destes casos o meu

Continua na pág. 26



Templo Adventista de Benguela

Impressões de Angola

por O. U. Giddings

Minhas primeiras impressões de Angola foram de uma terra cheia de correntes de límpida água cristalina. Dir-se-ia que de poucos em poucos quilómetros atravessávamos um pequeno rio onde a água era tão límpida que podíamos ver a areia e os seixos do leito. Não foi muito depois de chegarmos ao Lucusse que fomos até um desses pequenos rios perto

da Missão, construimos uma barragem e trouxemos a água para a propriedade da Missão, o que permitiu que esta produzisse morangos, bananas e vegetais em abundância.

Mas o que foi mais satisfatório e duradouro, foi ver o despertar espiritual entre os povos nativos. Quando chegámos à Missão do Cuale, tudo quanto ali havia era quase apenas um nome. Uma velha casa de adobos com um tecto de capim metendo água era o único lugar que tínhamos para viver durante os dois ou três primeiros anos até que pudemos construir uma casa digna desse nome. Sempre que havia grandes chuvas tínhamos de cobrir a nossa cama e a nossa roupa com uma lona para im-



O. U. Giddings e Esposa

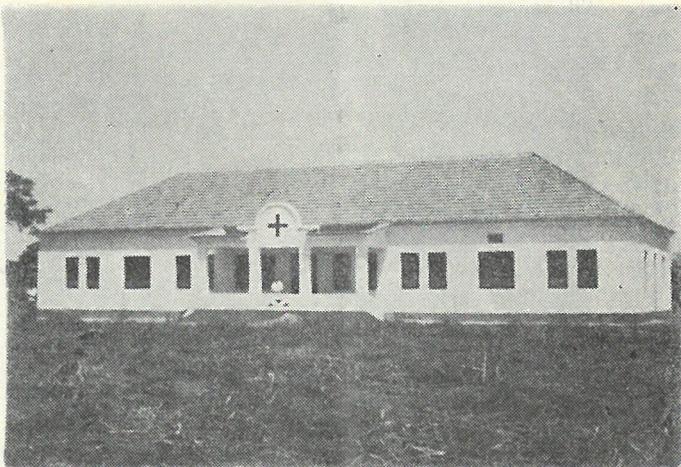
pedir que se molhassem.

No entanto, gostámos de trabalhar entre a tribo Jinga e de ver a obra desenvolver-se. Pela altura em que chegámos ao Cuale, um chefe nativo veio viver junto da propriedade da Missão. Tinha tido um sonho no qual uma pessoa que falava com ele lhe disse que devia ir viver na Missão do Cuale, visto que os missio-

nários ali ensinavam a verdade, e receberia grandes bênçãos e paz de espírito se obedecesse. Contou o sonho aos outros chefes vizinhos e disse-lhes que tencionava mudar-se. Eles procuraram dissuadi-lo, mas depois de ter visitado a Missão ele veio finalmente com a sua família para ali ficar permanentemente. Foi meu privilégio baptizá-lo e a dois filhos seus contando-se na primeira classe de seis que foram os primeiros jingas a tornar-se membros da Igreja Adventista. Ele permaneceu fiel até à

altura em que deixámos o Cuale, muitos anos depois.

Entretanto a obra cresceu e expandiu-se por muitas aldeias, de sorte que centenas de nativos aceitaram a mensagem de salvação. E foi com tristeza



Hospital da Missão Adventista do Cuale

Continua na pág. 29

Lembrando o Velho Dormitório do Bongo

por Miss Ruby M. Visser



Em Fevereiro de 1933 havia poucos obreiros, poucas meninas no dormitório e muito pouco dinheiro com que fazer o que necessitava de ser feito. O Bongo tinha ainda poucos anos de existência e por isso havia muito a fazer.

Com quatro famílias e uma obreira solteira, era grande o trabalho que cabia a cada um. Foi nessa altura que eu cheguei.

Não havia muitos que pudessem ajudar no Hospital, mas o pessoal do Hospital tinha de ajudar na escola! Os deveres de Sábado eram divididos e todos tinham a sua parte. Desta maneira todos se mantinham ocupados.

O trabalho que me incumbia era novo para mim e como havia tão pouco com que trabalhar, as coisas não eram fáceis. Foram-me entregues um par de velhas tesouras, alguns botões, linhas e um pouco de pano. Depois de tudo isso ter sido usado, descobrimos que também os fundos estavam esgotados!

Vários obreiros deram do pouco que tinham e o Senhor abençoou tanto a eles como ao trabalho. Durante alguns anos trabalhámos com pequenas ofertas até que a União pôde ajudar de novo.

Por essa altura tínhamos conseguido alguns pequenos lucros que nos ajudaram a comprar máquinas, lã e materiais para vestuário.

O nosso dormitório estava sempre em necessidade de reparações,

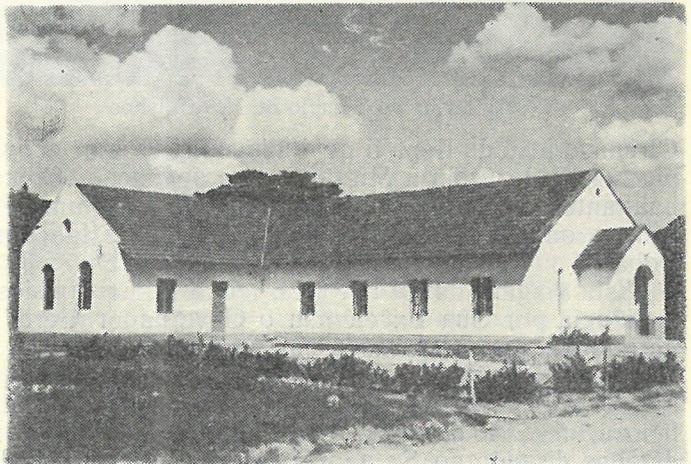
porque era uma casa com o chão de terra batida e a cobertura de capim. Acrescentou-se uma sala de classe para costura, porque até então essa classe era dada debaixo de uma árvore ou na varanda dos professores. Durante as chuvas isso não era muito agradável.

Por três vezes o nosso dormitório ardeu em partes diferentes. Uma vez as meninas tiveram de viver sem telhado sobre as suas cabeças.

O novo dormitório levou vários anos até ficar concluído. Além da nossa falta de fundos, tínhamos também falta de trabalhadores que pudessem levar avante a obra. Mas por fim pudemos inaugurá-lo.

Esse foi um dia feliz para todos e estávamos gratos a nosso Pai pelo Seu cuidado por nós e pelo Seu auxílio durante os anos difíceis.

Oxalá que as nossas meninas, que agora vivem ali, sejam também gratas por tão bom lar onde as nossas futuras professoras, enfermeiras e donas de casa podem aprender a fazer o seu futuro trabalho e a ter melhores lares em suas aldeias! Nosso Senhor e Mestre deseja ainda ajudá-las.



Igreja da Missão do Bongo

O Movimento Adv

O primeiro contacto do Movimento Adventista em Angola foi estabelecido em 1922 pelo Pastor W. H. Anderson que, vindo do Sudoeste Africano, fez uma viagem de exploração a fim de estudar as possibilidades de abrir o trabalho. Como consequência do seu relatório, em 1923 a Divisão Africana enviou T. M. French, secretário de campo, J. D. Baker, cedido pela União Sul Africana para o trabalho em Angola, e o mencionado W. H. Anderson.

O grupo chegou ao Lobito em 12 de Junho. Gastaram uns dias comprando mantimentos em Benguela e seguiram no comboio para o interior. Passaram na Ganda, que lhes agradou, mas sabendo que a Missão Filaficana planeava estabelecer ali uma estação missionária, prosseguiram além. No comboio entraram em conversação com o Capitão Morais, que era administrador da então



Interior do Templo de Nova Lisboa

Circunscrição do Lépi, o qual falava inglês e os convidou para estabelecerem a Missão nessa povoação. Como os habitantes os não desejassem junto de si, foram até ao Bongo, onde então Chipopiaculo exercia as funções de Soba.

Esta viagem durou um mês, tendo sido recebidos em audiência por Sua Excelência o Governador Geral que na altura se encontrava de passagem no Lobito.

Feito o pedido formal para estabelecimento de uma Missão no Bongo, foi este autorizado, como consta do ofício n.º 582/540 da Repartição Superior dos Negócios Indígenas dirigido ao Sr. Governador do Distrito de Benguela:

«Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que foi deferido o requerimento do missionário americano James Del-

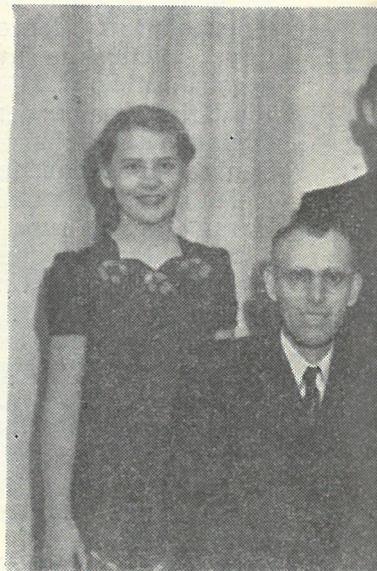


Templo Adventista

mer Baker, enviado com o r...
tembro último, no qual o r...
para estabelecer uma missã...
Bongo, da Circunscrição Ci...
lência o Encarregado do G...
querimento o despacho qu...
termos da lei, com as obrig...
se às instruções em vigor.

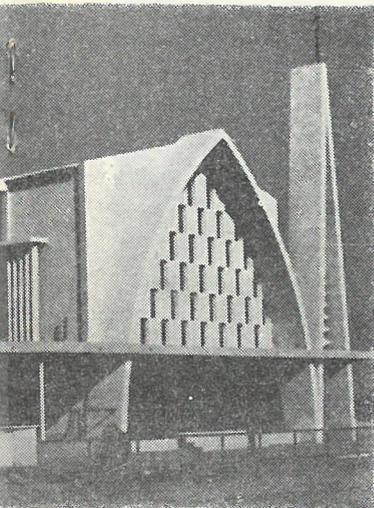
A. Santos.»

W. H. Anderson e espo



O. I. Field

Evangelista em Angola



...a de Nova Lisboa

...ofício 2 453/63, de 25 de Se-
...equerente pede autorização
...ão religiosa na povoação do
...vil do Lépi, tendo Sua Exce-
...verno lançado no aludido re-
...ne transcrevo: Deferido nos
...ações legais e obedecendo-
... 24/10/1925. (Assinado) M.

...sa, James D. Baker e O. O.



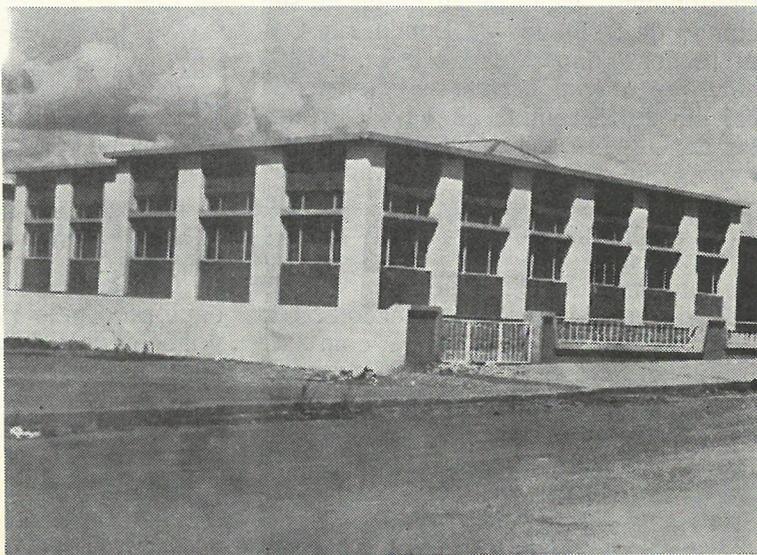
...s e Família

Bredenkamp e esposa foram os primeiros missionários que se fixaram no Lépi, onde chegaram em 27 de Abril de 1924. A esposa do Dr. Baker só chegou em 20 de Junho.

O Pastor Anderson fixou a residência no Lépi. Os outros dois obreiros foram para o Bongo.

Organização Eclesiástica

O Lépi ficou sendo a sede temporária da «South Atlantic Union Mission», que abrangia o Sudoeste Africano e Angola. Em 1925, aquele campo foi transferido para a «South African Union Conference» e Angola, com o território dos Camarões Franceses, África Equatorial



Edifício da Escola Secundária de Nova Lisboa

Francesa, Ilha de Fernando Pó, Ilha de S. Tomé e Guiné Espanhola, passou a constituir a «Equatorial Union Mission». Foram então redigidos os estatutos da União, e Angola foi dividida, de acordo com as suas zonas étnicas e linguísticas, em quatro campos: 1) Campo Missionário Kimbundu, para os distritos de Cuanza Norte, Zaire, Cabinda e Malanje; 2) Campo Missionário Ovimbundu, para os distritos de Benguela, Bié e Cuanza Sul; 3) Campo Missionário da Huila, para os distritos de Moçamedes, Huila e Cubango; 4) Campo Missionário Quico, para os distritos de Lunda, Moxico e Luchazes. A partir de 1928, Angola ficou a constituir até hoje, a União Angolana. Desde 1955 a 1957 esteve unida com Moçambique formando durante esses anos a União da África Portuguesa.

W. H. Anderson foi o presidente destas sucessivas organizações desde 1924 até 1933, sendo seguido por C. W. Curtis; 1942, por Peter Stevenson; em 1951, por Manuel Lourinho, e em fins de 1957, por Ernesto Ferreira.

Missão do Bongo

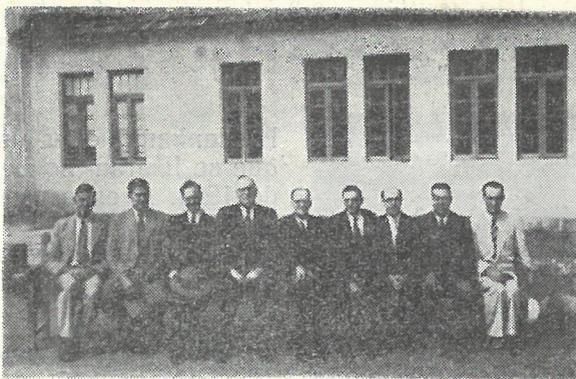
Os nossos missionários a princípio ficaram em casas de pau a pique. As duas primeiras casas começadas a construir em 1924, só no ano seguinte estavam terminadas; além dessas, em 1925 começou-se a construir uma terceira casa.

Em Abril de 1925 saiu o Ir. Bredenkamp, a fim de se dirigir ao seu campo de trabalho — a Lunda. Em Outubro desse ano chegou o Ir. D. P. Harder, que devia ocupar-se da escola. No fim de Dezembro chegava o Ir. Artur de Oliveira, primeiro professor português que a Obra teve em Angola.

Em Outubro de 1926 chegou o Dr. A. N. Tonge, a fim de estabelecer a obra médica.

Em fins de 1927, além da Escola Sabatina da Missão, havia escolas Sábatinas regulares em 5 aldeias, com uma frequência média total de 500 pessoas.

As primeiras campanhas de evangelização fizeram-se na estação seca



GRUPO DE OBREIROS EM 1949

Da esquerda para a direita: U. Nell, E. L. Jewell, E. V. Hermanson, A. E. Moon (da Divisão), P. Stevenson, O. U. Giddings, B. E. Seton, A. Casaca, A. J. Rodrigues.

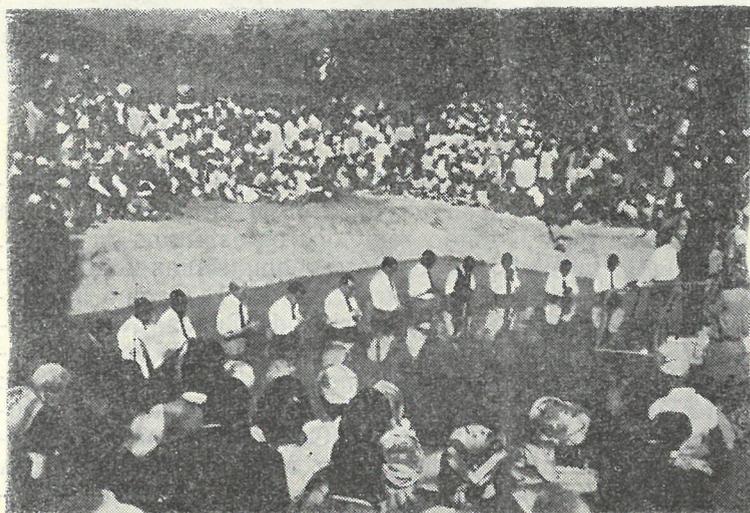
de 1927 — em Aienja, Emanha, Gonga e Iava. Como resultado 48 pessoas entraram na classe de Ouvintes.

A Missão do Bongo, no meio da tribo Umbundu, é sem dúvida o mais importante foco de influência adventista em Angola.

Missão da Luz

O local da futura missão da Luz foi explorado pelo Pastor W. H. Anderson pouco depois de se ter estabelecido em Angola. Em 10 de Julho de 1924 escreveu, de Dala, uma interessante carta dando conta das suas observações. Diz ele:

«Aqui bem perto do posto há muitos nativos e eles constroem melhores casas para si do que quaisquer outros nativos que eu jamais tenha visto. ... Se bem que tenham boas casas, não posso dizer o mesmo do seu vestuário. A maior parte dos homens usam uma pele de animal à frente e outra atrás. As mulheres têm uma pele de animal atrás e uma pequena pele à fren-



Pastores preparados para o baptismo de 689 candidatos, no Bongo, em 1958.



Dr. Roy B. Parsons com as enfermeiras do Bongo, em 1959

te do tamanho da palma da mão. Isso representa uma grande economia em material de alfaiate e portanto uma grande economia em facturas, como digo à minha esposa. Muitos deles andam completante nus.

Depois de se referir à alimentação do povo, aos animais que são criados, à produção da terra e aos rios de límpidas águas que sulcam a região, fala do rugido do leão por ele ouvido e da abundância de hipopótamos e jacarés.

O primeiro missionário foi o Ir. O. O. Bredenkamp, que chegou ao local da Missão em Agosto de 1925. Ao chegar encontrou o Pastor Anderson e sua esposa, que tinham limpo parte do terreno e levantado uma palhota de capim, que os Bredenkamps ocuparam depois da partida daqueles irmãos, e que em breve foi substituída por outra onde não entrava a chuva.

Num relatório de 20 de Setembro de 1927, escreveu o Ir. Bredenkamp:

«Presentemente temos na estação a casa do director, a casa de um segundo obreiro, um pequeno edificio provisório para dispensário, e um edificio escolar provisório, que «senta» cerca de 200 pessoas. Temos também um armazém com um alpendre para carpinteiro.

«Plantámos muitas árvores de fruto, cerca de duzentas bananeiras e cerca de 300 ananazes. As bananeiras e os ananazes já começaram a produzir.

«Temos uma grande aldeia toda coberta com capim. Completámos também uma estrada (42 km.) para o Dala, de sorte que agora podemos chegar até mesmo à Missão de carro. Últimamente completámos uma vala de água, que traz a nossa água dois terços mais perto do que antes. Também nos fornece água para cultura, de sorte que podemos ter uma horta durante a estação seca.

«Estamos muito animados com o progresso da Obra neste lugar. Quando chegámos não supomos que houvesse mais de seis rapazes na vizinhança que soubessem cantar quaisquer hinos e



Igreja Europeia do Bongo

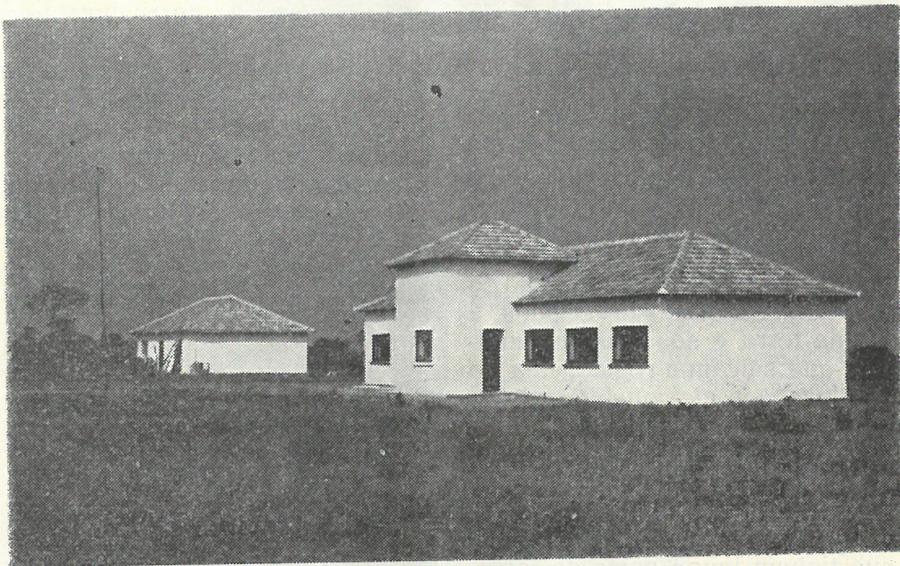
tivemos de começar a ensiná-los desde o próprio princípio. Temos agora 35 na classe baptismal e muitos mais na classe de ouvintes. A nossa assistência aos cultos tem aumentado muito consideravelmente. A princípio pensávamos que tínhamos uma boa assistência se tivéssemos cinquenta, mas hoje pensamos que é uma fraca assistência se tivermos menos de cem. Já chegou a 178 e está ainda aumentando.

«O nosso trabalho escolar tem sido dificultado por não termos tido professor para ensinar a língua portuguesa, mas estou contente em dizer que desde que o Ir. Oliveira chegou, a escola tem estado a progredir muito. Achamos difi-

se tornem mais evidentes haverá mais com o desejo de entrar na escola. Temos 35 ou mais aldeias de fácil acesso à estação — quero dizer, cujos habitantes podem assistir ao culto da manhã e voltar para suas casas no mesmo dia...»

Em 1929, foi construído um dispensário, com Miss M. Fourie como enfermeira.

A escola actual, começada em 1949, pelo Pastor E. L. Jewell, foi inaugurada no ano seguinte. Quando foi iniciada, esta missão encontrava-se numa região densamente povoada, vivendo actualmente os membros, na sua maioria, ao longo do caminho de ferro do



Escola Central do Gungue — Caconda

cil conseguir que os nativos da aldeia venham para a escola a não ser que lhes possamos dar trabalho. Se tivermos trabalho para lhes oferecer, podemos ter tantos quantos queiramos.

«A nossa obra médica tem estado a progredir muito bem, e teria progredido mais se eu tivesse podido dar mais tempo a ela. Temos chegado a ter 60 num dia. Presentemente a nossa média é de cerca de 15. A maioria destes casos são feridas. Estou certo de que poderíamos ter uma boa obra médica aqui se tivéssemos alguém para dar todo o tempo a ela.

«As perspectivas são muito boas. À medida que as vantagens da educação

Luso a Teixeira de Sousa.

Missão de Nova Lisboa

Em 1927, foi adquirido em Nova Lisboa o talhão, onde nesse mesmo ano foi construído, pelo Ir. T. R. Huxtable o edifício da União. Aqui funcionou desde 1929 um dispensário, que no tempo da S.^{ra} Curtis atendia 50 a 100 pacientes diariamente.

Missão da Namba

Em 5 de Dezembro de 1927, o Conselho da União votou que o Pastor Anderson e o Dr. Tonge fizessem uma via-

gem para ver a propriedade de E. Mayer e examinar as possibilidades de ali se estabelecer uma Missão.

Depois do Ir. J. D. Baker ter regressado de férias, foi para a Namba em Novembro de 1928, ali iniciando nessa altura os trabalhos da Missão.

A escola foi construída em 1956, a expensas do Pastor Manuel Lourinho.

O edifício da Igreja foi inaugurado no princípio de 1961, sendo director da Missão o Pastor Vitorino Chaves.

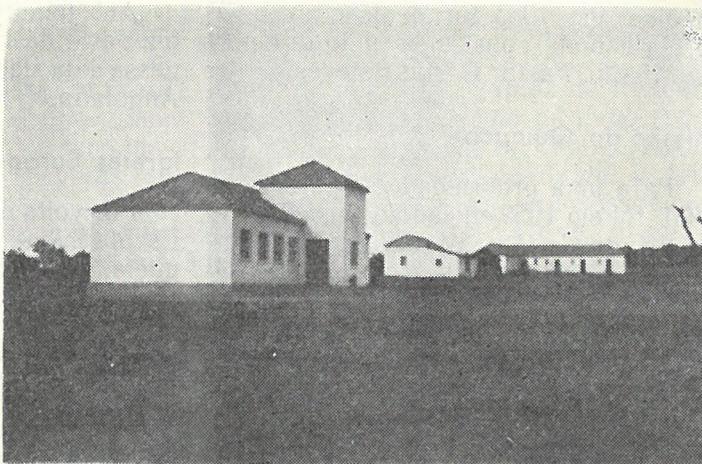
Missão do Lucusse

O. O. Bredenkamp chegou ao Lucusse em Junho de 1952, começando logo a construir. A actual escola foi levantada em 1952, sendo director da Missão o Pastor A. C. Lopes.

Missão do Cuale

No princípio de 1934 foi iniciada a Missão do Cuale, com E. Bukley como primeiro obreiro.

No relatório que em 1937 apresen-



Central do Caúri - Huambo

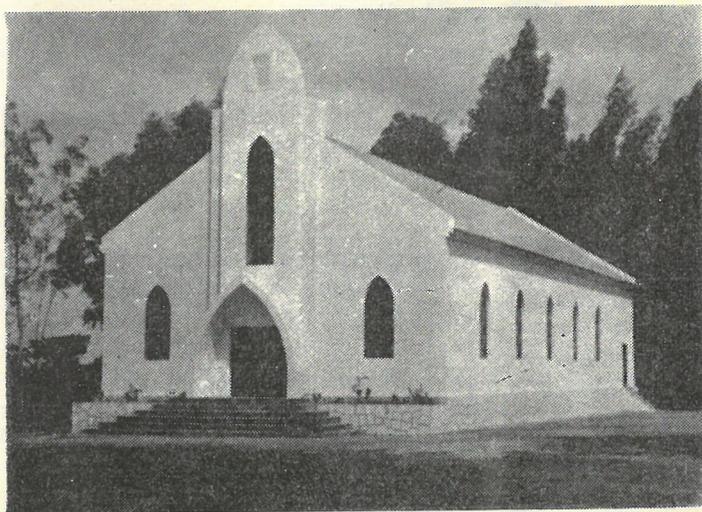
tou à Divisão, o Ir. C. W. Curtis referia-se a esta Missão nos seguintes termos:

«No princípio de 1934 abrimos a nova estação que é conhecida por Missão do Cuale. Estamos em dificuldade por falta de obreiros suficientes. Não temos podido ter uma família europeia ali grande parte do tempo. Acabamos de colocar uma de nossas famílias portuguesas (Jerónimo Falcão) ali entre esta tribo dos jingas e esperamos que o nosso contacto nesta região possa ser mantido sem interrupção de agora em diante.»

No mesmo relatório, lia-se: «Até aqui a Missão do Cuale não tem casa para escola nem para Igreja. O único lugar de reunião para eles é debaixo das árvores.»

O dispensário da Missão foi construído em 1949, pelo Ir. O. U. Giddings, que pessoalmente suportou todas as despesas.

A escola actual só veio a ser construída em 1953, sendo director da Missão o Ir. Ataíde Candeias; em 1962 foi inaugurado o hospital, que aguarda a vinda de um

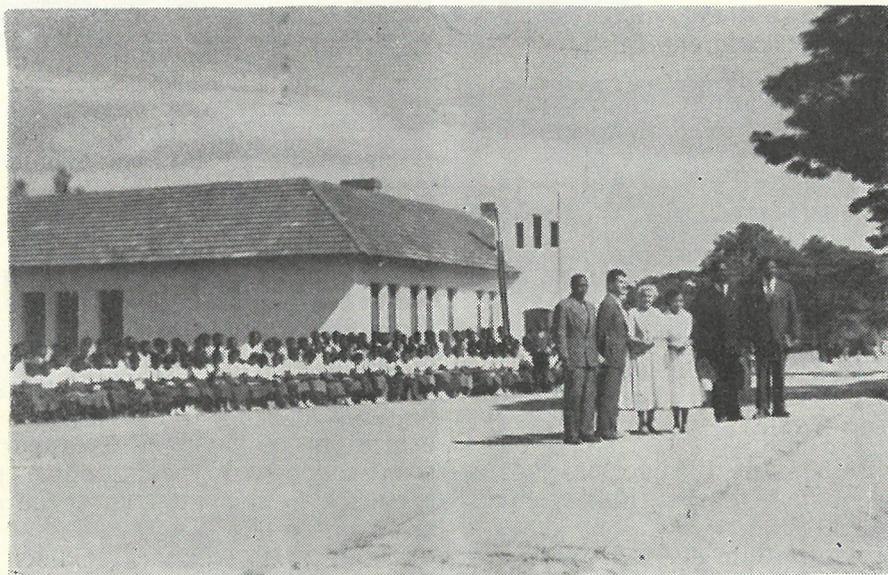


Igreja do Cuale

médico; em 1963 foi dedicada a bela Igreja actual, construída pelo director da Missão, Pastor Carlos Esteves.

Missão do Quicuco

Para uma propriedade adquirida em 1951, foi em 1952 enviado o Pastor José de Sá, que nesta Missão tem permanecido até ao presente. Foram construídas duas residências, uma capela e um dispensário. Este, inaugurado em 1957, tem exercido uma grande influência numa vasta área.



Instituto Adventista do Bongo

Missão de S. Tomé

Embora não se encontre em Angola, mencionamos aqui a Missão de S. Tomé por fazer parte do nosso campo.

O primeiro contacto foi estabelecido em 1936 através de um colportor ido de Portugal. Em 1938, ali se estabeleceu o primeiro missionário, José Freire. Em Fevereiro do ano seguinte realizaram-se os primeiros baptizados.

Em 1946 começou a funcionar a escola primária, com a Irmã D. Capitolina Grave como primeira professora.

Além da cidade, onde há um templo dedicado em 1956, existem grupos de crentes na Trindade, em S. Nicolau, no Bombom, nas Neves e na Ilha do Príncipe.

Até Janeiro de 1959 esta Missão fez parte da União Portuguesa, tendo nessa data sido transferida para a União Angolana.

Igrejas Europeias

Por volta de 1945, organizou-se uma Escola Sabatina para europeus, em Benguela, sob a direcção da Irmã D. Luísa Bastos, que tinha conhecido a mensagem no hospital do Bongo. Tornando-se necessária a presença de um obreiro foi encarregado do trabalho o Ir. Ma-

nuel S. de Castro, em 1947. O templo foi dedicado em 1955.

Em Nova Lisboa, o trabalho a favor dos europeus começou a realizar-se regularmente com as visitas que a partir do início de 1948, cada fim de semana o Pastor A. J. Rodrigues, vindo do Bongo, fazia às pessoas interessadas da cidade. Nunca houve um obreiro exclusivamente encarregado desta Igreja, tendo estado o seu cuidado a cargo dos obreiros da sede da União. O templo actual foi dedicado em 1961.

Em 1962 começou a funcionar, anexa à igreja uma Escola Primária.

Em 1963, construiu-se um edifício onde ficará a funcionar a Escola Secundária.

Foi em 1951 que seguiu para Luan-
da o Pastor E. V. Hermanson a fim
de ali se ocupar do pequeno grupo de
crentes que semanalmente se reuniam
e dar novo impulso ao trabalho. Esta
igreja tem-se desenvolvido de uma ma-
neira notável e está em vésperas de
erigir um templo.

Em Moçâmedes organizou-se uma
Escola Sabatina por volta de 1950, ten-
do para ali ido, em 1954, o primeiro
obreiro Pastor E. V. Hermanson.

Em Sá da Bandeira, começaram em
1953, a realizar-se reuniões em casa de
D. Natália Silvério, que dois anos antes
fora ao Bongo acompanhar seu esposo,
que se encontrava gravemente doente
e ali foi operado. Para dirigir essas reu-
niões que tinham lugar uma ou duas
vezes por mês, vinha do Quicuco o Ir.
José de Sá. Em 1958 foi inaugurada a
sala actual, sendo seu primeiro obreiro
permanente o Ir. A. Lopes.

No mesmo ano abria-se a sala do
Lobito, ficando o trabalho a cargo do
obreiro de Benguela, que na altura era
o Pastor E. V. Hermanson.

A mais nova Igreja europeia é a do
Bongo, que dispõe de um edifício pró-
prio, dedicado em 1962.

Instituto do Bongo

O primeiro esboço de escola no
Bongo data do próprio ano da vinda dos
pioneiros. Em 1 de Dezembro de 1924
escrevia, com efeito, o Ir. Baker: «Te-
mos 15-20 alunos. Todas as idades:
desde os 5 aos 50 anos. Fazemos os
trabalhos escolares debaixo do alpen-
dre onde os carpinteiros trabalham. Em
vez de carteiras temos bancos de car-
pinteiro ou um pedaço de madeira. Os
nossos alunos são pagãos. Mas é um
começo e está crescendo. Quando as
chuvas pararem começaremos a fazer
adobos para levantar uma escola».

Como atrás referimos, em Outubro
de 1925 chegou o Ir. D. P. Harder, en-
carregado de estabelecer uma escola
em bases sólidas. Em Dezembro do
mesmo ano, vinha o Ir. Artur de Oli-
veira, como professor.

Até aqui o período escolar diário era
de apenas uma hora; passou agora para
meio dia.



Dr. B. E. Seton,
durante perto de quatro
anos missionário em An-
gola, actualmente na Di-
visão Sul-Europeia.

Em 1926-27, a
instituição foi for-
talecida com a
vinda do Ir. João
de Sá Lago e da
Sr.^a Tonge. Além
de dirigir a pri-
meira classe (que
estava dividida
em duas secções
de que se ocupa-
vam os Irs. Oli-
veira e Daniel),
a Sr.^a Tonge mi-
nistrava uma
classe de Meto-
dologia para os
dois irmãos euro-

peus e o Ir. Daniel.

Em 1926 começou-se a construir a
escola no local onde hoje é a igreja.

Em Janeiro de 1927, saíu-se da es-
cola de pau a pique para o novo edifi-
cio, que nessa altura ainda não tinha
portas, nem janelas, nem soalho.

Em Abril desse ano escrevia o Ir.
Baker: «O nosso edifício escolar está
quase acabado. Temos estado a usá-lo
desde Janeiro e trabalhando nele entre
os períodos de ensino. O edifício tem
três salas nas traseiras, que são pre-
sentemente ocupadas pelo professor
português Ir. Sá. Mas quando o novo
ano escolar começar teremos neces-
sidade desse espaço».

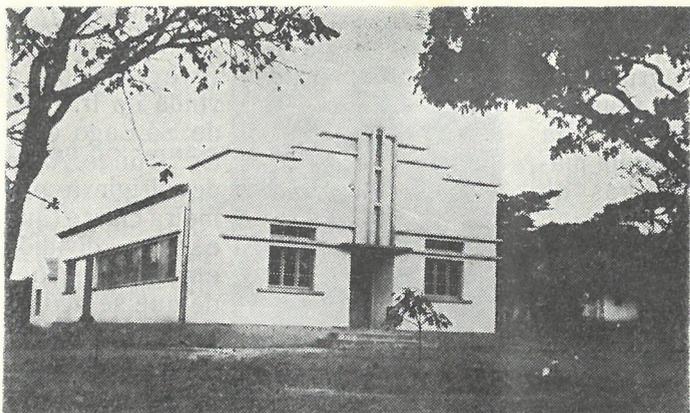
Em Fevereiro de 1927 o Ir. Daniel
foi à Caála fazer o exame do primeiro
grau, tendo ficado aprovado. Em se-
guida foi mandado iniciar a primeira
escola de mato, na lava, vindo a ser o
primeiro obreiro adventista nativo de
Angola. Depois de votada a sua con-
sagração ao ministério, faleceu vitima-
do por uma pneumonia em 1934.

No ano escolar de 1927-28, que se
iniciou com 50 alunos, fizeram-se al-
guns compêndios para os diferentes
assuntos ensinados.

A escola experimentou um notável im-
pulso com a vinda do casal O. I. Fields,
que nela trabalhou desde 1931 a 1942.

O edifício actual do Instituto foi
construído no seu tempo.

O dormitório actual das meninas foi
inaugurado em 1954 e o dos rapazes
em 1963.



Edifício da Tipografia

Esta instituição contém presente-mente 385 alunos, 81 dos quais no Curso de Catequistas.

Hospital do Bongo

A história do hospital do Bongo data da chegada do Dr. A. N. Tonge, de Loma Linda, em Outubro de 1926.

Os primeiros doentes foram examinados na varanda de J. D. Baker; depois até Junho de 1927, na casa de banho do Doutor; depois disso na garagem. Finalmente o hospital foi inaugurado em 1929. Aqui trabalhou a enfermeira Miss Ina Moore. O Dr. Tonge, prestou o seu serviço no Bongo até 1950.

Em 1931, veio o Dr. Roy Burlew Parsons, que, depois de ter passado com êxito exames de equivalência de Curso na Universidade de Lisboa, tem dedicado até hoje, auxiliado por sua esposa D. Mabel, 33 anos de ininterrupto e consagrado serviço. Durante este período realizou 13.899 operações. Este hospital tem exercido uma influência admirável no progresso da Obra Adventista em Angola.

Em 1935 foram construídas as primeiras cubatas para a colônia de lepro-
sios.

Não é possível falar-se do Hospital do Bongo sem se recordar Miss Ruth Johnson.

Aqui exerceu, como enfermeira, um dedicado ministério, até que tendo partido para os Estados Unidos em 1961, veio a falecer nesse mesmo ano.

Actualmente colaboram com o Dr. Roy B. Parsons, seus filhos Dr. David, que em 1963 obteve a equivalência de curso na Universidade de Lisboa, e Robert, que trabalha como analista no Laboratório do Hospital.

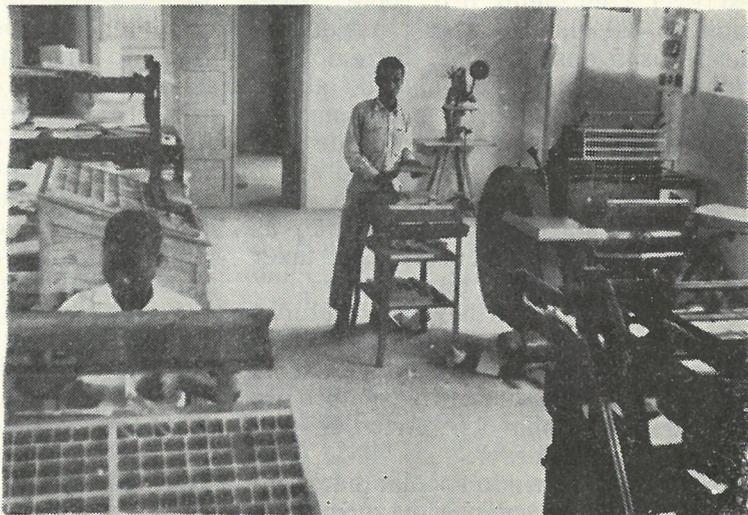
Casa Publicadora Angolana

A primeira «tipografia» do Bongo foi um duplicador, com que eram passadas as lições da Escola Sabatina e as Cartas Missionárias.

Em 1937, foi substituído por um pequeno prelo «Multigraph», do qual, durante vinte anos, saíram além das publicações já referidas, alguns livros escolares e hinários.

O actual edifício da tipografia, com o seu material de composição e impressão, foi inaugurado em 1958.

Continua na pág. 29



Trecho do Interior da Tipografia

Recordando o passado

Por Manuel Lourinho



Passaram já treze anos — foi em Janeiro de 1951 — que desembarquei, pela primeira vez, em Angola.

Ao pôr pé na velha pista do aeroporto de Luanda, após haver admirado, verdadeiramente extasiado, lá do alto, essa magnífica cidade, confesso que a alma se me encheu de um ardente entusiasmo e decisão firme no único propósito de, com a ajuda de Deus, o apoio dos irmãos que lá me enviavam, bem como, e sobretudo, com a dedicada colaboração dos obreiros e membros que nesse grande campo missionário já tinham dado as suas provas, levar aos que mourejam por essas terras inóspitas, onde o sol queima e a febre arde, não apenas um pouco do aroma do nosso bendito Portugal, mas, e essencialmente, devotar-me, de corpo, alma e coração, empregando todos os talentos que o Senhor me deu, no cumprimento da promessa de levar aos meus irmãos angolanos, a Boa-Nova de Salvação em Cristo Jesus que veio ao mundo para dar a Sua vida em resgate das nossas almas.

Apenas chegado, juntamente com os irmãos dirigentes da União e os Pastores Beach e Dias Gomes, então Presidente e Secretário da Escola Sabatina da Divisão Sul-Europeia, iniciámos uma longa viagem de observação e estudo pelo território das diversas Missões do nosso novo campo de trabalho.

As longas distâncias a percorrer, dia e noite, a velocidade que o Dr. Parsons imprimia à carrinha, os constantes solavancos produzidos pelas covas e lama daquelas aborrecidas estradas, as noites perdidas, as refeições fora de tempo e um exaustivo trabalho,

concorreram em absoluto para que eu conquistasse o título de «primeiro enjoadado daquele tempo!» De nada valeram os meus apelos ao Dr. Parsons para me libertar de tão incómodo tormento. A sua resposta era positiva: — «O melhor remédio contra o enjôo é não viajar».

Mas conseguimos o nosso objectivo. Pudemos com os Directores das Missões e seus colaboradores: professores europeus e nativos, pastores, catequistas, enfermeiros e outros auxiliares, ouvir a exposição dos diferentes problemas respeitantes às diferentes Instituições em que trabalhavam e visitar também as autoridades administrativas afinentes aos territórios visitados.

Todos os obreiros foram então convocados para tomar parte nas reuniões administrativas e de planos de trabalho que tiveram lugar em Nova Lisboa, sede da União Angolana.

Foi para mim motivo de grande encorajamento e esperança no futuro da Obra, em Angola, constatar a boa vontade e decisão de todos os obreiros, tanto europeus como nativos, unidos num esforço comum para apressar a grande tarefa da pregação do Evangelho do Reino entre o povo de Angola.

O progresso alcançado em todas as actividades missionárias, o incremento que foi dado a todas as Instituições da União, a criação e o estabelecimento de novas escolas e dispensários, o ritmo acelerado de novas construções de residências para obreiros e igrejas, o impulso dado ao hospital do Bongo e a aquisição de material a usar nas diferentes actividades do ensino e da evangelização, e, sobretudo, o notável número de almas ganhas para o Reino dos Céus, consagram os abençoados esforços desses fiéis servos de Deus.

Encorajado e animado sempre ao lado dos nossos colaboradores mais directos e partilhando com todos os irmãos,

ainda com os mais modestos, o nosso modesto mas sincero contributo, em obediência à ordem de avançar em todo o tempo e a despeito de todas as condições favoráveis ou não, sempre o nosso coração e os nossos olhos se abriram no intuito de servir o melhor possível a causa, enfrentando dificuldades e carências que, se as há por toda a parte, mais se avolumam e fazem sentir nos territórios africanos.

E sempre que pusemos em acção a experiência adquirida e a nossa fé no triunfo da mensagem salvadora, sempre as actividades missionárias foram coroadas por colheita abundante de almas para honra e glória de Deus.

É esta a primeira e grande recompensa do missionário.

Seria fastidioso recordar o que foram os seis abençoados anos de labuta que gastamos em Angola, ao lado da nossa inesquecível companheira (que ora descansa dos seus trabalhos), desde aqueles primeiros dias de entusiasmo conquistador até aos que precederam a saída do campo, e que se mantêm ainda vivos no nosso espírito e enchem de saudade o nosso coração.

As muitas recordações e experiências que nos foi dado viver nessa nossa querida província de Angola, estarão ainda, certamente, na mente dos nossos fiéis amigos e colaboradores, que as viveram connosco, e elas serviram para mais cimentar e fortalecer os laços de uma fraterna camaradagem e amizade que nem o tempo nem o espaço conseguiram destruir.

Comemora-se agora o 40.º aniversário do estabelecimento, na província, dos primeiros missionários adventistas. Como missionário, embora de modesta contribuição, que o fui nesse campo, daqui envio as minhas saudações muito sinceras e presto, igualmente, a minha sincera homenagem a todos quantos aí trabalham com os olhos postos na salvação das almas para o reino dos Céus.

O nosso país está empenhado numa grande luta a que não podemos ficar indiferentes. «A igreja Cristã ainda não atingiu o glorioso meridiano do seu programa missionário.» E' certo que o trabalho tem agora de fazer-se em circunstâncias menos favoráveis; mas tam-

bém é certo que a grande maioria dos missionários continua firme no seu trabalho e na sua vocação e grandiosas perspectivas lhes estão reservadas. Animados pela confiança e fé em Deus, os conselhos administrativos devem planear medidas com o fim de alcançar o o mais rapidamente possível o grande objectivo missionário: «O Evangelho em todo o mundo nesta geração». «Sejam, contudo, favoráveis ou desfavoráveis as condições, os verdadeiros missionários marcharão sempre para a frente e Deus coroará os seus trabalhos com êxito» sempre crescente.

Irmãos! Será assim com os missionários e com a Obra em Angola que Deus vai terminar antes que o fim chegue.

«EU ME LEMBRO»

Continuação da pág. 13

coração comove-se e enche-se de saudades. Os meus olhos enchem-se de lágrimas, ao lembrar-me da Obra e dos obreiros com quem costumava trabalhar nessa BELA TERRA DE ANGOLA. Ao ler os belos relatórios da Obra na carta do Pastor Jewell e acerca do maravilhoso progresso que aí se tem realizado, o meu coração exclama: «Que coisas Deus tem obrado!» Números 25: 23. Ele referia que 1363 baptismos se realizaram em 1963 ao passo que nos dias em que eu estou pensando, teríamos sido muito felizes se pudssemos realizar poucas centenas no fim do ano. Deus tem abençoado maravilhosamente a Obra e os obreiros em Angola e oro para que Ele continui a abençoar cada um de vós para que possais ser fiéis até ao fim. Sinto que o fim não está longe, os sinais que se multiplicam ao redor apontam para a proximidade do fim e por isso devemos ser mais diligentes e mais fiéis em realizar a Obra do Senhor de modo que possamos apressar o alegre dia da volta de Jesus. Que o Senhor vos abençoe a todos e vos conserve fiéis até que Ele venha.

Saudando e agradecendo

por Armando J. S. Casaca



Foi com indizível satisfação que recebi o cativante pedido do Pastor E. Ferreira para colaborar no número de Abril do *Boletim Adventista*, comemorativo do Quadragésimo Ano de abertura

da nossa Obra na bela e grande Província de Angola.

O meu primeiro movimento foi de gratidão para com o nosso bom Pai Celestial, por me ter concedido o privilégio de iniciar o meu trabalho missionário nas saudosas terras angolanas.

Em segundo lugar, senti, bem vívidos, aqueles vágados de saudade intraduzível por letras, dos abençoados anos que vivi nessas inesquecíveis terras, entre tão bons e queridos amigos.

Durante os dezasseis anos que aí trabalhei, tive bastantes oportunidades de apreciar e admirar o entusiasmo e dedicação dos nossos Irmãos, quer nativos quer europeus, que tão devotadamente vão difundindo a Mensagem do Advento.

Foi meu singular privilégio missionar os nossos queridos Irmãos angolanos, de acordo com os princípios insofismáveis do carácter plurirracial do género humano que provém de Deus «que de um só fez toda a geração dos homens», no dizer inspirado de S. Paulo. Actos 17:20.

Nesses belos tempos de multiforme trabalho missionário, senti profundamente a declaração positiva do Salmista de que «O Senhor ao fazer a descrição dos povos, dirá: este é nascido ali». (Salmos 87:6).

Foi aí, nessa querida Angola, que se passaram os meus primeiros anos de missionarismo, dividindo com os nossos dilectos Irmãos angolanos, como melhor podia e sabia, os meus débeis

recursos, na compreensão de que «sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes.» (Rom. 1:14).

Tendo eu recebido, aqui, na Metrópole, a maravilhosa luz do Evangelho, bem me sentia devedor para com todos os que nunca tivessem ouvido falar das boas novas da salvação, que só vem de Jesus.

E foi assim que há vinte e um anos, parti jubiloso para essas belas terras, para levar às almas a Mensagem da Salvação.

E ao mesmo tempo que eu ia dando o que recebera, também ia recebendo, em grande cópia, animado pelos bons exemplos de amor de Deus e do próximo, tanto da parte dos meus colegas no Ministério, como da parte de todos os outros nossos Irmãos e Irmãs na fé.

Por isso, ainda hoje, rejubilo quando recordo aqueles três lustros que passei convosco, durante os quais tive a felicidade de receber mais da parte de os nossos irmãos em dons espirituais, do que aquilo que pude dar-vos. Mas dou graças a Deus, por isso, pois procurei dar tudo, do pouco que eu tinha. E hoje, após cinco anos de separação, congratulo-me com o que o Senhor nosso Deus tem feito de grandioso, entre vós.

Quem não se regozijará no Senhor com esse número deslumbrante de almas ganhas para Jesus, que se têm baptizado nesses belos campos missionários?

É assim que estamos convosco, de alma e coração, no esforço da Grande Semana para que o Centro de Evangelização de Luanda se torne, muito em breve, uma realidade.

Como o nosso coração se enche de santa alegria, quando temos conhecimento de exemplos, como o da Irmã Celeste, que em poucos meses colocou 402 Bíblias em tantos outros lares, e chamou 15 preciosas almas para a ver-

Continua na pág. 29

União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia

No fim do 1.º Trimestre de 1964 (1)

Igreja, Missão ou Instituição	Membros de Igreja				Memb. E. S.	M. V.	Alunos	Dirigentes
	1954	1944	1954	1964				
Igreja de Benguela e Lobito	—	—	—	75	175	54	—	António C. Lopes
Igreja do Bongo	—	—	—	22	58	—	—	Dr. Roy B. Parsons
Igreja de Luanda	—	—	—	103	260	61	—	Juvenal Gomes
Igreja de Moçâmedes	—	—	—	47	56	24	—	João A. Esteves
Igreja de Nova Lisboa	—	—	—	80	154	26	45	Ernesto Ferreira
Igreja de Sá da Bandeira	—	—	—	40	88	26	—	Américo J. Rodrigues
Igrejas Europeias	—	—	—	365	751	191	45	
Instituto	—	550	—	605	1.042	357	585	Frank Dietrich
C. M. do Bongo	496	—	3.645	5.227	7.099	805	2.059	José Eduardo Rodrigues
C. M. do Cuale	—	29	582	2.298	6.711	1.046	1.400	Carlos A. Esteves
C. M. do Lucusse	10	24	116	412	1.047	215	159	Vitorino Chaves
C. M. da Luz	42	159	638	2.374	4.943	641	574	Ataíde M. Candeias
C. M. da Namba	22	—	958	1.237	2.396	245	558	António Valente
C. M. de Nova Lisboa	7	35	1.537	2.742	5.812	1.051	1.434	José Eduardo Rodrigues
C. M. dos Ovimbundos (2)	—	1.125	—	—	—	—	—	José de Sá
C. M. de Quilengues	—	—	—	219	578	95	215	João I. Chaves
C. M. de São Tomé	—	—	—	299	720	271	214	
	577	1.900	7.276	15.778	51.099	4.915	7.001	

(1) — Os dados relativos a 1954, 1944, 1954, refere-se também ao fim do 1.º trimestre desses anos.

(2) — O C. M. dos Ovimbundos foi desmembrado nos C. M. do Bongo, Namba e Nova Lisboa.

W. H. Anderson, o pioneiro

Continuação da pág. 4

Província, para proseguir as suas actividades noutras necessitadas regiões de África.

Em 1942 fez uma curta visita a Angola, que ainda hoje é lembrada por muitos.

Em 1945, completou o seu quinquagésimo ano de serviço contínuo nos campos missionários africanos, vindo a aposentar-se no ano seguinte.

Em 1950, faleceu, sendo sobrevivido por sua esposa, que vive em Wichita, Kansas, nos Estados Unidos.

A S.^{ra} Anderson lembra-se ainda, sem dúvida, de certa altura em que com seu marido se encontrava em terra de quioscos. O Pastor Anderson fora a Saurimo e ela teve de ficar sózinha no local da Missão da Luz, confiada à guarda do Soba Mualengue. Entretanto adoeceu gravemente. O Soba ordenou que suas mulheres a tratassem e protegessem.

Quando o Pastor Anderson regressou, ela estava livre de perigo. Em volta da sua cabana, a terra estava bem pisada, como testemunho da dedicação daquelas mulheres que, de noite e dia, se revezaram junto da enferma, para que nada lhe faltasse.

A palavra honrada do Soba e a humilde dedicação daquelas mulheres constituíam assim uma emocionante manifestação do cordial acolhimento que o nobre povo de Angola tem estendido aos missionários que, de longes terras, lhes trouxeram o conhecimento do Evangelho.

Impressões de Angola

Continuação da pág. 14

de coração que finalmente tivemos de regressar permanentemente ao nosso país natal devido a falta de saúde.

Nossos corações estão ainda em Angola e nunca cessamos de orar pelo êxito do trabalho e pelos obreiros de cada departamento e parte do campo.

O Movimento Adventista em Angola

Continuação da pág. 24

Em 1959, foi constituída uma sociedade legal, denominada Casa Publicadora Angolana (S. A. R. L.), com sede em Nova Lisboa.

Além de livros em português, umbundu, quioco e quimbundo, é publicado mensalmente o «Boletim Adventista».

A Voz da Profecia

Os Programas da Voz da Profecia são transmitidos semanalmente pelas estações emissoras das seguintes cidades:

Luso, desde 1961, aos domingos, às 19,00 horas;

Benguela, desde 1953, nas segundas, às 20,30 horas;

Nova Lisboa, desde 1958, nas terças, às 20,30 horas;

Moçâmedes, desde 1958, nas quartas, às 20,45 horas;

Malanje, desde 1960, nas quintas, às 19,10 horas;

Sá da Bandeira, desde 1958, nas sextas, às 21,45 horas.

O Curso Bíblico por Correspondência, denominado Escola Rádio-Postal, está a funcionar desde 1958.

Saudando e agradecendo

Continuação da pág. 27

dade. O que dizer da irmã Libéria que comprou 70 Bíblias para as distribuir num grande impulso de amor pela Palavra de Deus?

Aproxima-se, a passos largos, o Grande Dia da Vinda Gloriosa de Jesus. Os sinais sucedem-se continuamente, desde os grandes e repetidos sismos, até à angústia e terror dos homens.

Que o Senhor nosso Deus continue a abençoar, grandemente, o trabalho missionário, por toda a parte onde reboam as Boas Novas do Advento, mas principalmente na nossa bela Província de Angola, para que dentro em breve possamos entrar na Pátria Eterna, e cantar para sempre, «as misericórdias do Senhor».

Notícias do Campo

Pasior Carlos A. Esteves

Depois de ter passado alguns meses na Metrópole, durante os quais teve oportunidade de frequentar o Curso de Extensão do Seminário Teológico realizado em Collonges, regressou a Angola, em Fevereiro, o Pastor Carlos A. Esteves, acompanhado de sua esposa e Filhos. Imediatamente seguiram para a Missão do Cuale, onde continuam a trabalhar.

Maria Costa Sales

No dia 21 de Março, desembarcou no Lobito a Ir. Maria Costa Sales, que fica a exercer a sua actividade nos escritórios da sede da União. Apresentamos-lhe cordiais boas-vindas.

Caala

Com a presença do Pastor Ernesto Ferreira, representando a União Angolana, na qualidade de seu Presidente, do Dr. R. B. Parsons, Professor José Falcão Sincer, respectivamente do Hospital do Bongo e do Colégio Adventista de Nova Lisboa, Pastor Frank Dietrich, Director do Instituto do Bongo, e jovens Teófilo Ferreira, Eunice Jewell, Leonor Domingues, Odete Cunha, Elisabete Azevedo e Ricardina Lopes que coadjuvaram com o Pastor Ferreira, inaugurou-se oficialmente no Sábado à tarde, 14 de Março de 1964, a sala de culto na Caala, dando assim novo impulso ao trabalho que há um ano vinha sendo feito em casas particulares sob a orientação do Pastor E. V. Hermanson. O sermão inaugural esteve a cargo do Pastor Ernesto Ferreira que foi ouvido com muito respeito e atenção pela selecta assistência que enchia completamente a sala, obrigando bom número de cavalheiros a ficar de pé no fundo da sala e do lado de fora.

Caala, que fica a 25 quilómetros a Oeste de Nova Lisboa, na estrada que liga esta cidade às cidades de Benguela, Lobito, Sá da Bandeira e Moçamedes e muitas outras localidades, é considerada a maior vila de Angola. Cremos haver nela bom número de almas sinceras que desejam aprofundar os seus conhecimentos da Palavra de Deus e conhecer e abraçar a esperança do glorioso advento de Jesus. Muito bem localisada na artéria principal, que é a Avenida Norton de Matos e com facilidades para a assistência moral, espiritual e social das crianças e jovens, pois além da sala de culto, há uma sala para as crianças e outra para funções sociais, para o que também se pode utilizar um amplo quintal murado, cremos que esta nova filial irá honrar bem os nossos objectivos e facilitar o desen-

volvimento do trabalho de Deus naquela terra. Pequena amostra do que se pode e pretende fazer em prol das flores do jardim de Deus, que são as preciosas crianças, deu-nos o menino Fernando Sampaio com a sua colaboração que a todos agradou.

Estamos a iniciar imediatamente um esforço de evangelização e agradecemos as orações de todos os nossos leitores em prol deste trabalho para que haja uma gloriosa colheita de almas para o reino que Jesus em breve estabelecerá.

Para todos quantos colaboraram directa ou indirectamente para o êxito desta inauguração vão os meus sinceros agradecimentos.

E. V. Hermanson

Sá da Bandeira

«O poder vital precisa acompanhar a mensagem do segundo aparecimento de Cristo. Não devemos descansar sem que vejamos muitas almas convertidas para a bendita esperança da volta do Senhor. No tempo dos apóstolos a mensagem que proclamavam realizou um trabalho genuíno, desviando almas dos ídolos para servirem ao Deus vivo. O trabalho a ser feito hoje é justamente tão real quanto o foi aquele, e a Verdade, exactamente a mesma; apenas devemos proclamar a mensagem com tanto maior diligência quanto está mais próxima a vinda do Senhor. A mensagem para este tempo é positiva, simples e da mais profunda importância. Precisamos agir como homens e mulheres que nela crêem. Esperar, vigiar, trabalhar, orar, advertir o mundo — este é o nosso trabalho. Todo o céu está em actividade, empenhado em preparar-se para o dia da vingança de Deus, o dia do libertamento de Sião.» Evangelismo, pág. 219. Sem dúvida que nos sentimos estimulados ao sabermos que temos uma mensagem decisiva, uma mensagem de vida ou de morte para um mundo que perece! A mensagem que pregamos ao mundo é na verdade o único meio concedido por Deus para libertar almas das trevas para a Sua maravilhosa luz. Deus está agora preparando um povo que O ama e serve, e almas estão sendo chamadas à Verdade através dos meios que Ele nos concede. Uns vêem a Verdade através dos seus amigos, outros através da página impressa e ainda outros pelo trabalho do pregador e dos membros das nossas Igrejas!

A palavra de Deus nos diz que ao ser lançada a semente da Verdade ela produzirá os seus frutos! Acrescenta que aquele que semear e mesmo com lágrimas, sem dúvida recolherá os seus molhos. Deus nos deu no passado Sábado 28 mais um molho de 4 almas, que se renderam a Jesus através das águas do baptismo. Foi uma cerimónia solene estando

presentes numerosas pessoas que religiosamente assistiram ao acto. Logo no dia seguinte, domingo 29, tínhamos a nossa sala repleta de pessoas e algumas que vieram pela primeira vez. Uma das pessoas veio a nossa casa pedir desculpa de não se ter despedido de nós e pediu que a visitassem dando-lhe estudos da mensagem de Deus. Essa pessoa com lágrimas nos olhos disse ter tido muita pena de não ter assistido à cerimónia dos baptismos como era o seu desejo já há longo tempo! Após demorada conversa sobre a doutrina do Mestre e a fé Adventista pediu-nos que iniciássemos os estudos em sua casa o que amanhã mesmo faremos, e confiamos que o Senhor nos há-de deparar mais almas para esta bendita e gloriosa Mensagem Tríplice que está abarcando o mundo!

Estamos em planos para o construção do Templo Adventista nesta cidade, e aqui desejamos fazer um apelo geral aos nossos amigos de perto e de longe, para nos ajudarem com as suas ofertas e orações. «A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exército.» Ageu 2:9. Queira o Senhor despertar muitas almas através de Jesus Cristo e Seu Templo para honra e glória do Seu santo nome!

Vosso no Senhor
Américo Rodrigues

Benguela

O II Centro de Férias Juvenil

Aproveitando as férias de Março, realizou-se na Igreja de Benguela, de 9 a 18, o II Centro de Férias da Igreja de Benguela, que veio proporcionar aos nossos, felizes momentos de boa camaradagem e de recreio espiritual. O primeiro Centro de Férias havia deixado as melhores recordações, mas durara pouco. Agora, com a duração de dez dias, o Centro de Férias estaria à altura de satisfazer os nossos rapazes.

As actividades diárias começavam com hinos escolhidos pelos jovens. Sentados em volta das mesas, sob as ricas sombras do nosso jardim, os jovens escutavam depois a história bíblica do dia, que à tardinha iriam repetir, premiando-se o que melhor a apresentasse. Passava-se depois aos trabalhos manuais que iam do recorte de Catálogos de automóveis até aos trabalhos em rafia e azulejo. Distinguiram-se nestes trabalhos os de Anabela Saraiva, Emanuela Silva, Leonor Trinda e Fernando Seixas. As composições em azulejo de Fernando Seixas mereceram, sem discussão o primeiro prémio.

Todas as actividades do Centro de Férias foram muito apreciadas pelos nossos rapazes. Na dos jogos, o «Macaco na Roda» transtornou a cabeça de quase todos que não se importariam de passar o dia inteiro à volta dos macacos e de algumas macacas que caíram na roda. Na de Canto Coral, onde utilizámos canções do último acampamento, o «Dó da minha viola» fez sucesso. Sinal certo do agrado

de todos foi o facto de termos começado o Centro de Férias com 44 jovens e termos no último dia a presença de noventa pessoas.

E' verdade que para este último dia os jovens, com o Fernando Seixas à cabeça, prepararam um programa especial de encerramento. Dessa festa, dedicada a pessoas de família dos jovens presentes, houve a destacar os diálogos «Bom Samaritano» e «O Sacrifício de Isaque», desempenhados pelos jovens Manuel Wilches, Fernando Seixas, António Lopes, Júlio Silva, Armando Lopes e Marciano Ferreira. «Outra vez, outra vez!», diziam alguns pequeninos que assistiram a estas representações: Mas isso só será possível quando projectarmos o filme sobre este Centro de Férias, onde aparecerão novamente as lindas cenas que fizeram muitas pessoas chorar de comoção.

Ligado ao Centro de Férias há uma pessoa misteriosa, o Sr. Smith. Sabem quem é o Sr. Smith? Foi um Senhor que passou aqui por Benguela e viu certa vez, diante da nossa Igreja, aquela linda tabuleta pintada pelo Sr. Rogério de Matos, anunciando o Centro de Férias. O Sr. Smith parou e quis saber o que era aquilo. Falava português, mas com o sotaque próprio da sua terra. Nunca os nossos rapazes conseguiram vê-lo. Aparecia disfarçadamente, ocultava-se para não ser visto e só conversava com o pastor da igreja. Mas vinha todos os dias ao nosso jardim, fazia perguntas sobre os jovens presentes e dava-lhes bons conselhos. Embora nunca o tivessem visto, porque o Sr. Smith a isso se opunha, os nossos jovens tinham diariamente a satisfação de ouvir os comentários que o Sr. Smith fazia às actividades do dia anterior, em conversa gravada com o pastor. No último dia uma senhora que ouviu essa gravação, lembrou-se de dizer: «Desconfio que este Sr. Smith é o Pastor Lopes...» Mas que ideia a desta senhora!...

O Centro de Férias TEVE de terminar às 19 horas do dia 18, após o lanche oferecido pelas senhoras da Igreja, porque daí a pouco começava a reunião de oração. Se não houvesse outros afazeres ainda lá estaríamos todos... Conclusão: os nossos jovens continuam a queixar-se da duração do Centro de Férias. Este não deve durar dez dias, mas 365 dias. Não é verdade, jovens de Benguela?

António C. Lopes

LOBITO

Baptismos

Poucas coisas há, certamente, que nos deem mais emoção do que ver uma alma, que conheceu a Mensagem por nosso intermédio, descer às águas baptismas. É acontecimento que muito nos comove e revigora espiritualmente. Bendito seja Deus pelo Seu Amor para com Seus filhos!

Foi no Sábado, 18 de Janeiro, que tivemos a alegria de assistir, na Igreja de Benguela, ao baptismo de Maria Fernanda Lorena, mi-

na irmã. Talvez alguns dos leitores do BOLETIM ADVENTISTA se lembrem da maneira extraordinária como ela conseguiu o Sábado, há meses atrás, na Companhia onde trabalha, pois a demos a conhecer por intermédio do nosso BOLETIM, querendo que outros irmãos partilhassem connosco dessa animadora experiência. Agora, finalmente vencidas outras dificuldades, ela teve o mais belo dia da sua vida.

Também tivemos a alegria de ver baptizar-se nesse dia outra alma da Igreja do Lobito: a Irmã Alda Teixeira. A experiência desta Irmã também é muito curiosa pelo seu passado evangélico e pela maneira como entrou em contacto com a Mensagem, que lhe foi levada, pela primeira vez, por D. Manuela Pereira, também desta Igreja.

Nota extremamente comovedora desta boa jornada espiritual foi a do baptismo dum casal, o Irmão Júlio dos Reis Antunes e sua esposa, D. Fernanda Antunes. Que bênção tão raramente aproveitada a de, unidos já pelo matrimónio, se unirem também os esposos no mesmo desejo de servir a Deus. O Irmão Júlio dos Reis é comerciante em Benguela e possui um excelente espírito missionário, bem manifestado no elevado número de ouvintes que sempre traz à igreja nos dias de reunião.

Falta-nos referir o baptismo da Irmã Lídia Leite Ribeiro, da Igreja de Benguela, a que tivemos também o prazer de assistir. Esta Irmã conheceu o Evangelho em Nova Lisboa e continuou a estudar as Escrituras em Benguela, manifestando sempre o melhor espírito de dedicação ao Senhor e grande entusiasmo na divulgação da Mensagem. Que o Senhor abençoe o seu zelo missionário.

Reservámos para o fim o nome do nosso Irmão Eurico Dias, cujo testemunho público de consagração a Deus foi deveras inspirador para todos nós. O Irmão Eurico Dias, que é também comerciante em Benguela, teve há anos, no Hospital do Bongo, o seu primeiro conhecimento da Mensagem e nunca mais deixou de lhe sentir o efeito. O seu testemunho sobre o dízimo e carnes impróprias, publicado na R. A. de Portugal e reproduzida na R. A. do Brasil, deve ter sido uma bênção para muitos. Tanto ele como sua esposa, que já é membro da nossa igreja, suportam animosamente a incompreensão daqueles que se têm oposto à sua conversão.

Que o Senhor abençoe estas preciosas almas, mantendo-as firmes na fé que abraçaram, e conceda a vitória a todas as pessoas que, em resposta ao apelo feito no final da cerimónia, se decidiram por Cristo.

Maria Manuela Câmara

Instituto do Bongo

Tive o privilégio de dirigir o esforço evangelístico na aldeia de Caluquembe na área do Posto Administrativo de Chilata, Ganda.

Chegamos a essa aldeia em 5 de Março do ano em curso e ficámos lá até 1 de Abril.

No dia 6, guiado pelo obreiro voluntário

dessa aldeia, sai com o meu grupo de finalistas do nosso Instituto do Bongo para conhecer a aldeia e fazer planos de trabalho. Foram-nos indicadas casas dos adventistas que se extraíram. No domingo seguinte principiámos a dar estudos bíblicos nos lares. Pouco a pouco o interesse do povo foi aumentando. Cada dia apareciam mais duas ou três novas famílias que pediam estudos em seus lares. Até dois dias antes de terminarmos o nosso trabalho, mais uma família pediu que fossemos dar estudos em sua casa. Infelizmente só conseguimos dar-lhes os dois últimos estudos.

Como na parte da manhã o tempo era pouco para atendermos todas as famílias, os nossos jovens tiveram de fazer o resto do trabalho à tarde quando o povo regressava de suas ocupações.

Quando precisámos saber quantos dos nossos ouvintes desejavam continuar com os estudos, depois da nossa retirada, sob a orientação dum outro obreiro, 130 pessoas deram seus nomes voluntariamente. A outros que até então não estavam decididos, demos tempo para fazer o mesmo noutra ocasião. Dois Sábados após o nosso regresso, o Ir. Pastor V. Sepalanga escreveu-me dizendo que mais 8 alunos vieram dar seus nomes para serem adicionados aos 130.

Agora, aqui apresento aos Irmãos da Direcção o pedido daquelas almas. Elas pedem «Um Obreiro Vivo».

Um protestante do lugar disse-me o que se segue: «Logo que o senhor Pastor chegar à Missão, fale ao Missionário, Sr. Director, que envie para cá, já em Maio próximo, um obreiro vivo. De contrário, receio que surgirá qualquer coisa que roubará do povo o interesse levantado».

Julgando com justiça essas vozes, poderemos afirmar que em Caluquembe se encontram muitas ovelhas perdidas do aprisco de nosso Senhor Jesus Cristo, ovelhas estas que necessitam de um obreiro capaz de as reconduzir ao redil do Senhor.

Oremos, pedindo ao Senhor para que envie mais obreiros para a Sua Bendita Causa.

P. B. de Freitas

Aguardando a Ressurreição

No dia 24 de Março faleceu inesperadamente a saudosa Irmã Alcina Nogueira, membro da Igreja de Nova Lisboa. Baptizada em 4 de Janeiro último, deixou-nos um indelével exemplo de fé, de bondade e de calma paciência. Particularmente apreciadora das reuniões de oração, era raro faltar às quartas-feiras na igreja.

Apresentamos as nossas condolências à Família enlutada, particularmente à sua Filha, D. Fernanda Nogueira.

Visado pela Censura